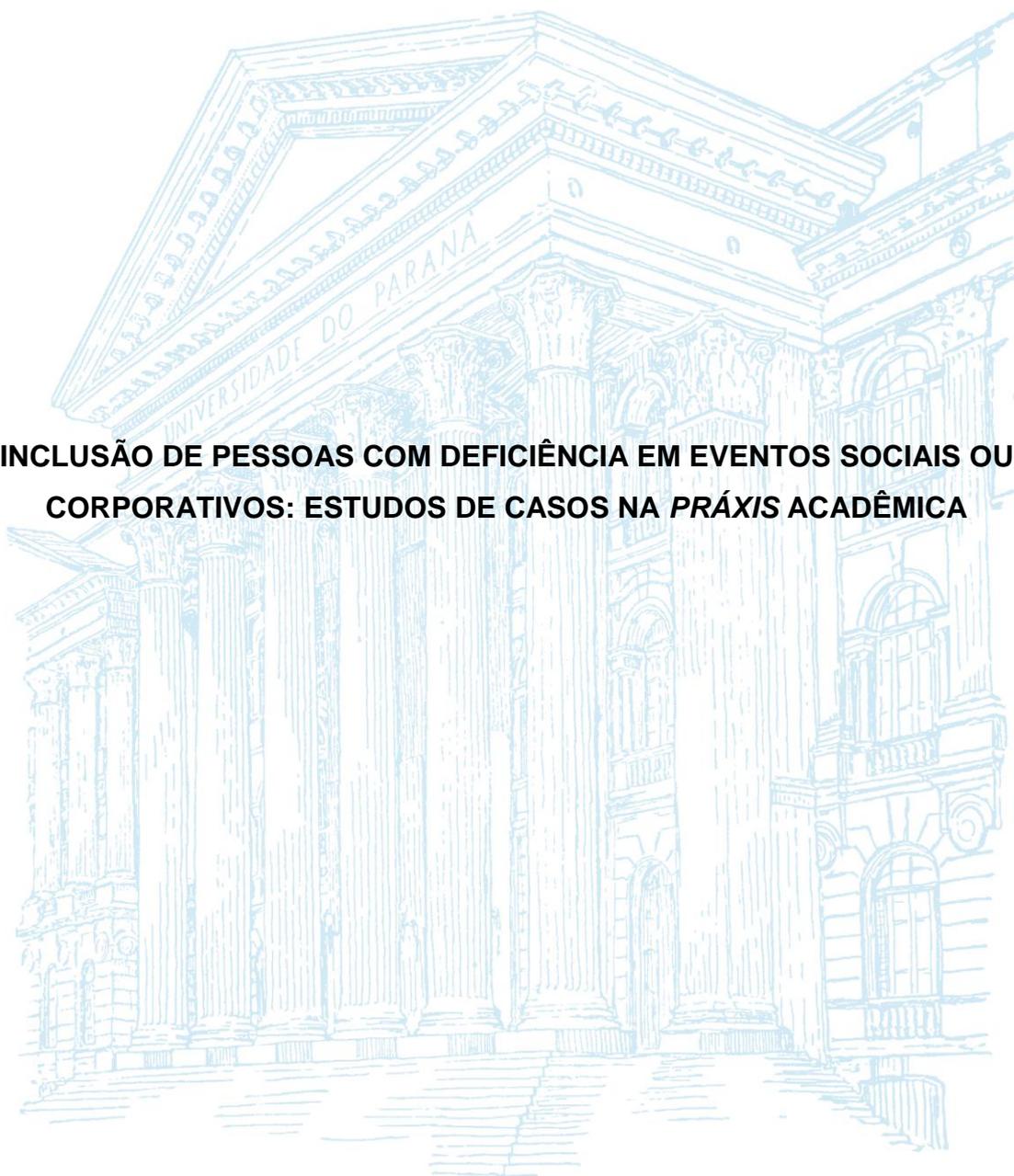


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM SECRETARIADO

**INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM EVENTOS SOCIAIS OU
CORPORATIVOS: ESTUDOS DE CASOS NA *PRÁXIS* ACADÊMICA**



CURITIBA

2017

Fernanda Miguel de Aquino
Kátia Regina da Silva Camisa
Maria Antonia Baggio Coppi

**INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM EVENTOS SOCIAIS OU
CORPORATIVOS: ESTUDOS DE CASOS NA *PRÁXIS* ACADÊMICA**

Relatório apresentado para obtenção de nota final da disciplina de Implantação de Projetos Multidisciplinares do Curso Superior de Tecnologia em Secretariado, Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Ma. Eliana Maria Ieger

CURITIBA
2017

IDENTIFICAÇÃO

Acadêmicas:

Fernanda Miguel de Aquino GRR 2015-7977

Kátia Regina da Silva Camisa GRR 2015-8562

Maria Antonia Baggio Coppi GRR 2015-7004

Orientadora:

Prof.^a Ma. Eliana Maria Ieger

AGRADECIMENTOS

Somos gratas a Deus por nos permitir, a partir desse trabalho, enxergar o mundo e as pessoas com deficiência com olhar mais acolhedor.

Somos gratas a nossa orientadora, Professora Mestra Eliana Maria leger, pela paciência, pelo incentivo e pelas considerações pontuais que engrandecem esse projeto.

Somos gratas aos nossos amores: maridos e filhos pela compreensão e nos permitir viver esse momento de crescimento e conquista pessoal.

Somos gratas ao Lucas Rodrigues e ao Wagner Bitencourt pela preciosa colaboração.

Somos gratas aos amigos que torceram pelo nosso sucesso.

Somos gratas aos nossos professores por acreditar no nosso tema e no nosso potencial.

Somos gratas a todos aqueles que direta ou indiretamente nos ajudaram.

Somos gratas por nossa amizade, que nos manteve unidas mesmo nos momentos difíceis.

Somos eternamente gratas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 DESCRIÇÃO DO AMBIENTE	10
2.1 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	10
2.2 SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (SEPT).....	11
2.3 <i>CAMPUS</i> PIRAQUARA.....	13
2.4 CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM SECRETARIADO	14
3 METODOLOGIA	18
4 DESENVOLVIMENTOS DAS ATIVIDADES	21
4.1 ETAPA 1 A: PESQUISA OBSERVATÓRIO EM EVENTOS I - SEPT	21
4.1 ETAPA 1 B: PESQUISA OBSERVATÓRIO EM EVENTOS II – <i>CAMPUS</i> PIRAQUARA	24
4.2 ETAPA 2 A: ENTREVISTA COM PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL (1)	26
4.2 ETAPA 2 B: ENTREVISTA COM PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL (2)	28
4.3 ETAPA 3: APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO.....	33
4.4 ETAPA 4: ANÁLISE DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO	34
4.5 ETAPA 5 – COMPILAÇÃO DE DICAS, ORIENTAÇÕES E NORMAS PARA ACOLHER PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM EVENTOS	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	53
Apêndice A – Carta Aceite	53
Apêndice B – Roteiro das Entrevistas	54
Apêndice C – Questionário.....	56
Apêndice D – Fotos Dos Eventos (Base Para os Estudo de Casos)	57
Apêndice E – Convite para Responder Pesquisa (Depoimento).....	59
Apêndice F – Manual com Dicas para Lidar com Deficientes Visuais – Folheto 3 dobras 60	
Apêndice G – Manual com Dicas para Lidar com Deficientes Visuais - Livreto	61
Apêndice H – Pré-Projeto	62
ANEXOS	82
Anexo 1 - Exemplos de Símbolos dos Recursos de Acessibilidade	82
Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - UFPR	83

1 INTRODUÇÃO

O escopo desse trabalho está centrado na investigação de como ocorre a inclusão de pessoas com deficiência em eventos no que tange às ações atitudinais e como esse público, nessas ocasiões, é percebido pelas pessoas não deficientes.

Inicialmente, com a denominação de Projeto Multidisciplinar ***Inclusão de Pessoas com Deficiência em Eventos Sociais ou Corporativos*** Organizados pela LAC Produções e Eventos, o projeto seria implantado em uma empresa de eventos situada em São José dos Pinhais/PR. Entretanto, por motivos alheios à vontade das proponentes do projeto, não foi possível a implantação, tornando, infelizmente, inviável a continuidade dos trabalhos e a relação de parceria que fora previamente estabelecida, conforme Carta Aceite (Apêndice A).

Dessa forma, foi necessário redirecionar o foco do trabalho para implantação do Projeto Multidisciplinar a partir de outro mote, como: ***Inclusão De Pessoas Com Deficiência Em Eventos Sociais ou Corporativos: Estudos de Casos na Práxis Acadêmica***, aproveitando toda a experiência das autoras do projeto frente à organização e participação em eventos durante a suas formações acadêmicas no Curso Superior de Tecnologia em Secretariado, no Setor de Educação Profissional e Tecnológica (SEPT), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), experiências essas, adquiridas dentro das disciplinas Gestão de Eventos I, II, III e IV, onde foi possível compreender os conceitos das diferentes tipificações de eventos e suas especificidades, bem como exercer a prática de planejar, organizar e participar/executar alguns desses tipos de eventos.

Nesse novo viés, o Projeto Multidisciplinar ***Inclusão de Pessoas com Deficiência em Eventos Sociais ou Corporativos*** continuou com sua atenção voltada às pessoas com deficiência, por reconhecer que se trata de um público bastante expressivo no que tange ao número de pessoas da população brasileira com algum tipo de deficiência, número esse correspondendo à 23,9% da população nacional, porquanto, segundo apontam os dados do último Censo Demográfico de 2010, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (IBGE, 2017), o número de pessoas com deficiência no Brasil é da ordem de 45,6 milhões. Todavia, com o novo foco, passou-se a investigar a participação de pessoas com deficiência em eventos em geral, e nos casos aqui apresentados nos eventos acadêmicos do

SEPT/UFPR, que serão ilustrados com dois estudos de caso apresentados na etapa 4.1 deste trabalho.

Vale ressaltar que a pesquisa teve foco nas deficiências visuais¹ relatadas aqui pela proximidade com o objeto de estudo. Foi feito um recorte de pesquisa necessário, porém é sabido que outras pesquisas serão oportunas, além de acrescentar novas informações e outros dados, seria relevante devido a importância do tema. Portanto a continuidade do trabalho poderá constituir-se em uma futura especialização ou mestrado das autoras.

Outros dois motivos também contribuíram para esta escolha: o número de pessoas cegas ou com baixa visão no Brasil – pouco mais de 35 milhões de brasileiros, correspondendo a 18,60% da população do país (IBGE, 2017) – e o fato das autoras terem presenciado situações que envolveram alunos com este tipo de deficiência em eventos no SEPT e na UFPR. Entretanto, vale ressaltar, também, que a inclusão de pessoas com outras deficiências em eventos é igualmente importante, ficando aberta a oportunidade para continuação deste estudo em outra ocasião.

Isso posto, para contextualizar o presente trabalho, é fundamental lembrar a conceituação de evento e de pessoas com deficiência, apresentadas anteriormente no seu pré-projeto. Desse modo, segundo Zanella (2008), evento é um acontecimento, envolvendo pessoas e ou entidades, ocorrendo em data e local pré-estabelecidos, e tem por objetivo celebrar fatos importantes e significativos de natureza diversa, podendo ser de caráter comercial, cultural, esportiva, social, familiar, religiosa, científica entre outros.

Já para a conceituação de pessoas com deficiência, o DECRETO Nº 6.949/2009, da Presidência da República do Brasil, em seu Artigo 1, dos propósitos, apresenta a seguinte definição:

[...] Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2009a, não paginado).

¹ Deficiência visual: **cegueira**, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a **baixa visão**, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60o; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores. (BRASIL, 2004). (Grifo das autoras)

Apesar de expressar a definição acima, o mesmo decreto reconhece, no item 'e' do mesmo Artigo, que a deficiência é um conceito em evolução, conforme a seguir:

[...] e) reconhecendo que a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. (BRASIL, 2009a, não paginado).

Também vale destacar a necessidade do uso da nomenclatura correta ao se referir às pessoas com deficiência. Sassaki (2011) pontua que tal conduta é mais do que uma simples questão de significado das palavras ou desprovida de importância quando se deseja realmente adotar uma atitude inclusiva; “livre de preconceitos, estigmas e estereótipos” (SASSAKI, 2011, p.1). Segundo o autor, as expressões '**pessoa com deficiência**'² e '**pessoas com deficiência**'² são os termos corretos a serem utilizados em referência a esse público de forma genérica; referindo-se a todos os tipos, sem especificar o tipo de deficiência³.

Os termos corretos para referir-se a uma deficiência em específico, como é o caso do público alvo desse projeto, são: cego, pessoa cega, pessoa com deficiência visual, pessoa com baixa visão ou deficiente visual, e ainda os termos ligados a outras deficiências: surdo, pessoa surda ou pessoa com deficiência auditiva⁴; surdocego ou pessoa com surdocegueira; deficiente físico ou pessoa com deficiência física⁵, pessoa com deficiência intelectual ou mental⁶; mudo ou pessoa muda; cadeirante ao invés de pessoa de/na cadeira de rodas; pessoa com tuberculose, com AIDS, com câncer, com diabetes, com hanseníase, com epilepsia, etc.; criança com Síndrome de Down,

² Grifos das autoras.

³ Informação corroborada pelo texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada em 2006 pela ONU, onde os termos “pessoa com deficiência” e “pessoas com deficiência” são utilizados.

⁴ Deficiência auditiva: perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. (BRASIL, 2004).

⁵ Deficiência física: alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções. (BRASIL, 2004).

⁶ Deficiência mental: funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: 1. Comunicação; 2. Cuidado pessoal; 3. Habilidades sociais; 4. Utilização dos recursos da comunidade; 5. Saúde e segurança; 6. Habilidades acadêmicas; 7. Lazer; e 8. Trabalho. (BRASIL, 2004).

criança com Down ou criança Down; pessoa anã ou com nanismo; entre outras. (SASSAKI, 2011. p. 2-11).

Sasaki (2011) ainda esclarece que para se referir a uma ‘pessoa normal’, em contraponto a uma pessoa com deficiência, deve ser usada a expressão **‘pessoa sem deficiência’**² ou **‘pessoa não-deficiente’**², afirmando que o uso da expressão **‘pessoas normais’**² é um conceito questionável e defasado.

Matarazzo (2009), alerta que também não deve ser utilizado os eufemismos ‘portador de deficiência’ ou ‘portadora de necessidades especiais’ (uma vez que portar algo se pressupõe poder deixar de portá-lo – o que não é o caso da deficiência), ‘pessoas com necessidades especiais’, ‘excepcionais’ ou ‘especiais’. Estas expressões foram amplamente usadas por muito tempo na tentativa da sociedade ser politicamente correta e compensar a deficiência. Contudo, a Portaria 2.344/2010 da Secretaria dos Direitos Humanos (SEDH) (BRASIL, 2010) alterou oficialmente os termos para ‘pessoa com deficiência’ ou ‘pessoas com deficiência’, em consonância com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela Assembleia Geral da ONU. (ONU, 2006).

Quanto ao uso das siglas PNE (pessoa com necessidades especiais), PPD (pessoa portadora de deficiência) e PcD (pessoa com deficiência), Sasaki (2011) reforça que as duas primeiras estão em desuso, corroborando Matarazzo (2009) e de acordo com a PORTARIA SEDH Nº 2.344/2010, supracitados. Já a sigla PcD é a forma correta de expressar “pessoa com deficiência”, sendo invariável quanto ao gênero e número, contudo deve ser usada com critérios e em situações específicas, conforme a seguir:

[...] Devemos evitar o uso de siglas em seres humanos. Mas, torna-se necessário usar siglas em circunstâncias pontuais, como em gráficos, quadros, colunas estreitas, manchetes de matérias jornalísticas etc. Nestes casos, a sigla recomendada é PcD, significando “pessoa com deficiência” ou “pessoas com deficiência”. Esta construção é a mesma que está sendo um consenso atualmente em âmbito mundial. Em espanhol: PcD (*persona con discapacidad*), tanto no singular como no plural, sem necessidade do “s” após PcD. Em inglês: PwD, também invariável em número (*person with a disability, persons with disabilities, people with disabilities*). (SASSAKI, 2011, p.8).

Partindo dessas assertivas, saber utilizar as terminologias corretas para se referir à pessoa com deficiência também revela “a construção de uma verdadeira sociedade inclusiva” (SASSAKI, 2003, p. 161), e tendo ciência que muito mais do que

o 'termo', as ações para com as pessoas com deficiência serão o diferencial dessa inclusão, porquanto, apesar das suas limitações, entende-se que pessoas com deficiência são cidadãos com os mesmos direitos de autonomia e usufruto das oportunidades disponíveis na sociedade, inclusive no que se refere à participação em eventos.

Portanto, ao descrever as atividades e as etapas da implantação do projeto, ressalta-se que a escolha dessa temática, partiu das observações empíricas feitas pelas autoras quanto à necessidade de se compreender os procedimentos de inclusão de pessoas com deficiência em eventos sociais, acadêmicos ou corporativos, não do ponto de vista das barreiras físico/arquitetônicas ou das normativas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT/NBR 9050⁷, nem tampouco em relação a Lei Nº 13.146/2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – o chamado Estatuto da Pessoa com Deficiência – assegurando direitos importantes para a inserção de pessoas com deficiência na sociedade como um todo. (BRASIL, 2015), mas sim quanto a maneira correta (atitude) de como acolher o ser humano 'por trás da deficiência', ou seja, como saber lidar com esse público sem constrangimentos e insegurança de ambas as partes. Porque, para atender a pessoa com deficiência, é preciso enxergar a pessoa, e não se concentrar apenas na deficiência. É preciso compreender que a deficiência é uma característica da pessoa e não a pessoa em si.

⁷ ABNT/NBR 9050 discorre sobre a normatização quanto à Acessibilidade a Edificações Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos.

2 DESCRIÇÃO DO AMBIENTE

Com a mudança do viés desse trabalho, o ambiente de implantação do projeto, também mudou, passando a ser as dependências da Universidade Federal do Paraná, distribuída pelos seus *campis*, mais especificamente o Setor de Educação Profissional e Tecnológica (SEPT) e o *campus* Piraquara; locais onde ocorreram as atividades que serviram de estudo para esse projeto.

2.1 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

A história da Universidade Federal do Paraná (Figura 1) começou em 1892, mas teve que ser interrompida pela Revolução Federalista. Em 1912, o movimento pró-Universidade do Paraná foi reiniciado, sendo que em 19 de dezembro de 1912, Victor Ferreira do Amaral e Silva liderou a criação efetiva da Universidade do Paraná. Contudo, somente em 1950, a Universidade do Paraná tornou-se uma instituição pública e gratuita, adotando o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, base que norteia suas atividades. Atualmente, às vésperas de completar 105 de história, a UFPR é considerada símbolo de Curitiba, maior criação da cultura do Estado do Paraná e primeira Universidade do Brasil. (UFPR, 2017).

FIGURA 1: PRÉDIO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR

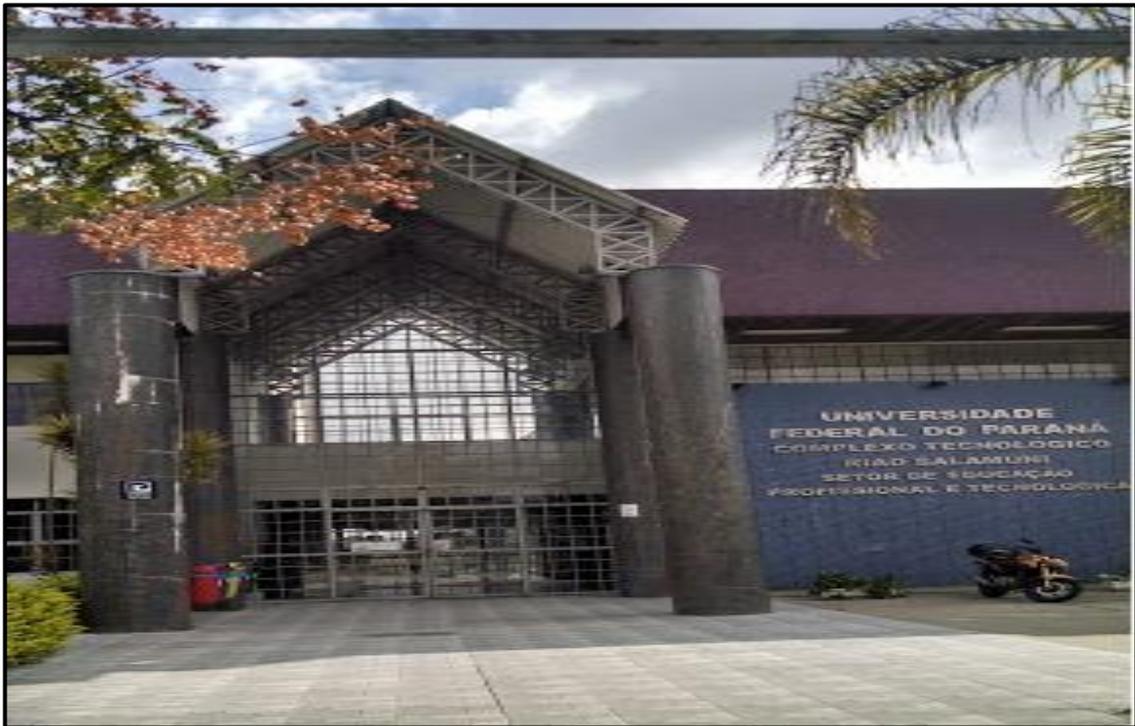


Fonte: Foto: Marcos Solivan

2.2 SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (SEPT)

Situado no Jardim das Américas, em Curitiba, a história do Setor de Educação Profissional e Tecnológica tem início em 1914 quando o Colégio Progresso foi doado à Universidade Federal do Paraná. Em 1990 o Colégio passou a denominar-se Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná e, em 1997, foi elevada à categoria de Setor, passando a ser classificado como unidade integrante da UFPR, mas é somente em agosto de 2009 que o Conselho Universitário da UFPR aprova a mudança do nome Escola Técnica para Setor de Educação Profissional e Tecnológica (SEPT) (Figura 2), consolidando o ensino profissionalizante na instituição.

FIGURA 2; SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (SEPT)



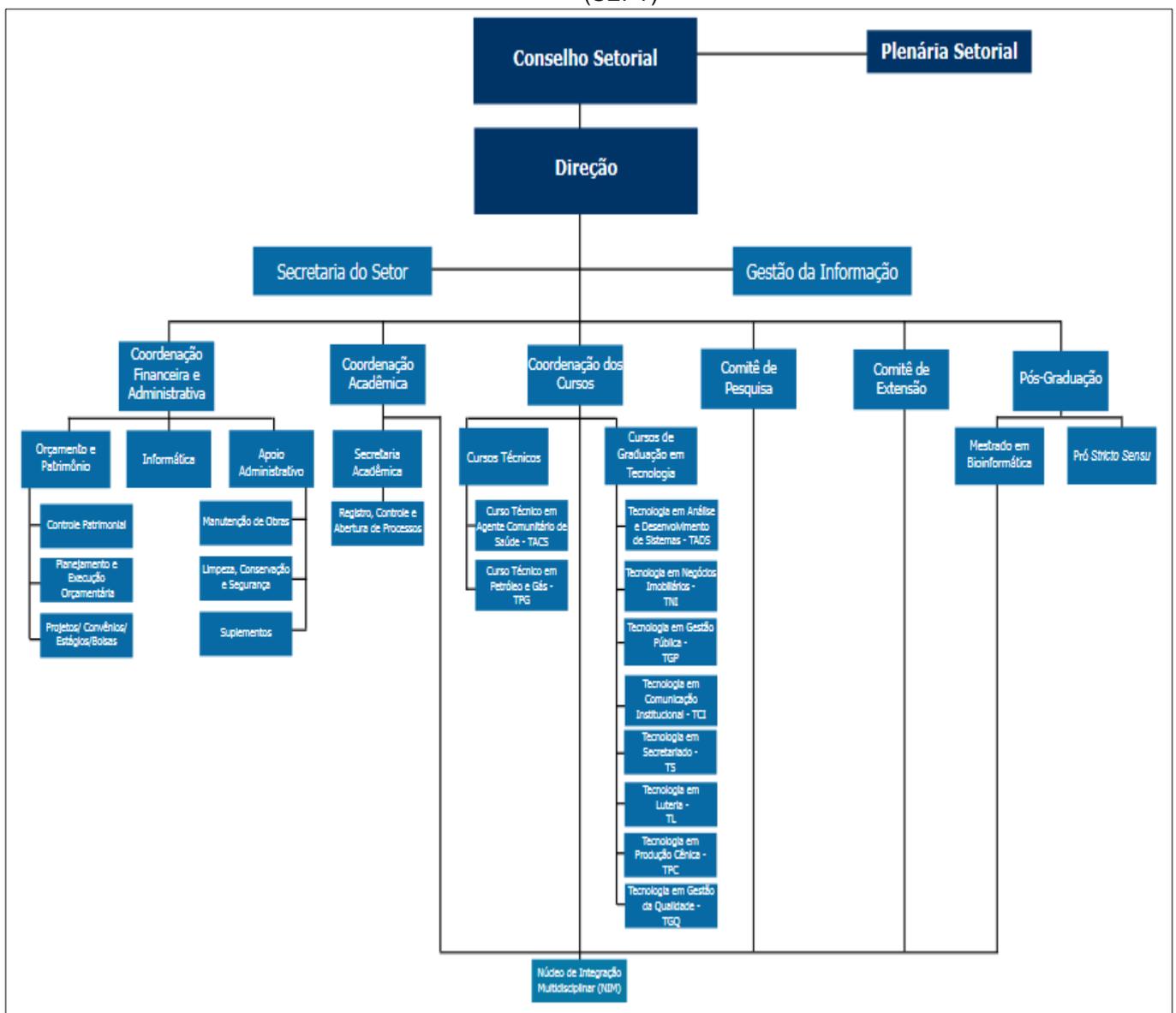
Fonte: Foto: Arquivo SUCOM

Atualmente, o SEPT oferta um programa de mestrado, dois cursos técnicos e oito cursos superiores de tecnologia, entre eles o Curso Superior de Tecnologia em Secretariado, além de coordenar outros programas e projetos inscritos na pesquisa e na extensão e participar ativamente dos órgãos colegiados e na gestão da UFPR como um todo. Dessa forma, o SEPT atua no ensino, na pesquisa e extensão e tem por missão promover a educação, o desenvolvimento científico, profissional,

tecnológico e cultural, visando, sobretudo contribuir para adequada qualidade de vida das gerações atuais e futuras. Promover a formação e capacitação de cidadãos buscando o permanente desenvolvimento da vida produtiva, e contribuir para a solução dos problemas de interesse da comunidade, sob a forma de cursos, estudos, eventos e serviços, através de propostas multidisciplinares, articulada com outros setores de interesse da UFPR, vinculadas ao mundo do trabalho e a prática social, também é missão do SEPT. (SEPT, 2017).

A administração e funcionamento do Setor de Educação Profissional e Tecnológica tem sua hierarquia representada no organograma abaixo (Figura3).

FIGURA 3: ORGANOGrama DO SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (SEPT)



Fonte: Relatório Anual UFPR/2015, p.382.

Em relação ao quadro de docentes e discentes, o setor conta, atualmente, com 95 professores entre efetivos, substitutos e visitantes⁸, e 1340 alunos distribuídos nos três períodos: manhã, tarde e noite.

2.3 CAMPUS PIRAQUARA

O *Campus* Piraquara foi adquirido pela Universidade Federal do Paraná em 2004. O local possui área total de 100 mil metros quadrados, sendo 8 mil metros quadrados construídos. É usado para acomodar a Imprensa Universitária, a Central de Transportes (CENTRAN), o Almoxarifado Central e o depósito de documentos, sobrando espaço para futuras ampliações. Desde 2015, esse *Campus* vem abrigando a Feira de Cursos e Profissões da UFPR, anteriormente realizada nas dependências do SEPT. (UFPF, 2014a)

FIGURA 3: CAMPUS PIRAQUARA/UFPR



Fonte: Foto: Samira Chami Neves

O *Campus* Piraquara, assim como o SEPT, foram os espaços físicos da realização das atividades desse trabalho, entretanto é no Curso de Tecnologia em Secretariado da UFPR, particularmente na disciplina de Gestão de Eventos I, II, III e

⁸ Tabela 11.3 Relatório Anual UFPR 2016 - Total de Servidores Técnico-Administrativos e Docentes, por Setor e Unidade da UFPR. Disponível em <http://www.proplan.ufpr.br/portal/rel_atv/relatorio_de_atividades_2016.pdf>. Acesso em 06 dez. 2017.

IV, que se encontrou o “local” intangível, dentro da análise do ambiente, por proporcionar situações amplas de vivência que colaboraram para o despertar das autoras sobre a questão da acessibilidade, mais propriamente a acessibilidade atitudinal.

2.4 CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM SECRETARIADO

Conforme seu Projeto Pedagógico, o Curso Superior de Tecnologia em Secretariado (UFPR, 2014b), foi criado em 2009 pelas Professoras Eliana Maria Ieger e Zélia Freiberger. Tem duração de 3 anos, divididos em seis semestres, com aulas presenciais e no período noturno. Seu currículo é composto por matérias multidisciplinares que visam abranger o conhecimento técnico e científico, abordando temas contemporâneos do Brasil e do mundo, a fim de capacitar o futuro profissional de Secretariado para uma atuação mais crítica e participativa na tomada de decisões e no desempenho das multitarefas que o mercado de trabalho atual exige para essa área de formação profissional. A proposta pedagógica do curso e os conteúdos curriculares foram organizados levando em conta os aspectos dos conhecimentos fundamentais para a formação profissional; contemplando aspectos técnicos, teóricos e comportamental das seguintes disciplinas que compõem o curso:

- Língua Inglesa I, II, III e IV;
- Língua Espanhola I, II, III e IV;
- Técnicas Secretariais I, II, III e IV;
- Gestão Secretarial I e II;
- Gestão em Eventos I, II, III e IV;
- Gestão de Documentos e Arquivística;
- Prática Secretarial;
- Estudos do Trabalho em Secretariado;
- Cerimonial Público e Privado;
- Língua Francesa I e II;
- Língua Alemã I e II;
- Psicologia Organizacional: Ética Profissional;
- Cultura Organizacional e Cultura Brasileira;
- *Marketing*;
- Postura no Trabalho;
- Psicologia das Relações Humanas;

- Fundamentos de Interculturalidade;
- Prática de Língua Portuguesa;
- Prática de Textos Corporativos;
- Prática de Textos Descritivos;
- Prática de Textos Persuasivos;
- Matemática Financeira;
- Direito Aplicado ao Secretariado;
- Contabilidade Introdutória;
- Introdução à Economia;
- Gestão Empresarial;
- Empreendedorismo;
- Comunicação em Língua Brasileira de Sinais;
- Fundamentos da Qualidade;
- Gestão Ambiental;
- Excel Básico;
- Negociação e Gerenciamento de Conflitos;
- Gerenciamento de Projeto;
- Implantação de Projetos Multidisciplinares (TCC).

É importante destacar que dentro da Disciplina de Gestão de Eventos foi criada, em 26 de outubro de 2016, a Comissão de Eventos do Curso de Tecnologia em Secretariado, através da portaria nº 118/2016 –SEPT, tendo como presidente a Professora Eliana Maria leger; como vice-presidente a Professora Fernanda Landolfi Maia e, como coordenadora de eventos, a discente Maria Antonia Baggio Coppi, uma das autoras desse trabalho.

O objetivo da Comissão de Eventos é ensinar aos discentes do curso a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, dentro das disciplinas de Gestão de Eventos I, II, III e IV. Essa prática acontece na realização das atividades pertinentes à formação do Tecnólogo em Secretariado e também na participação do planejamento, organização e receptivo de eventos dos outros Cursos do SEPT ou mesmo da UFPR, como Colações de Grau e a Feira de Cursos e Profissões.

A criação da Comissão de Eventos está perfeitamente alinhada com os propósitos do Núcleo de Eventos, especificado na Proposta Pedagógica do Curso, que “foi pensado para desenvolver as competências de organização, planejamento, controle e de gestão de eventos [...] sob supervisão de professores participantes das atividades desenvolvidas” (PPP – CST/UFPR, 2014, p. 12). Estas proposições

puderam ser exercitadas, pelas autoras, na atuação da Comissão nos eventos a seguir relacionados:

- Semana Acadêmica do Curso Superior de Tecnologia em Secretariado – 2017;
- Semana Acadêmica do Curso Superior de Tecnologia em Produção Cênica – 2016;
- Aula de abertura do Curso de Mídias Integradas (Aula Magna);
- Palestras: Professor Ron Martinez (UFPR), Professor Eduardo Figueiredo (UFPR) e Professor Suresh Canagarajah (PENN STATE COLLEGE/USA);
- Formaturas (Colação de Grau) cursos do SEPT (turmas de 2015, 2016 e 2017);
- Comemoração: Dia do Profissional de Secretariado 2016;
- Coffee breaks para os Cursos Produção Cênica, TADS e Tecnologia em Secretariado;
- Coquetel e Jantar – Seminário Etiqueta à Mesa;
- Exposição: “¡Mucho Gusto! *Un Viaje Cultural*”;
- Seminário de Interculturalidade – Japão e Espanha;
- Seminário de Extensão SecretariAção Social – 2017 - “Semeando Conhecimento”
- Eventos Culturais: “*Let’s Sing Christmas I and II*”, “*Una noche de Tango*” e “*Danza SEPT*”;
- Seminário "Gestão de Políticas Públicas de Juventude em Curitiba" – Curso Superior em tecnologia em Gestão Pública (UFPR);
- III Seminário Nacional de Tecnologia e Dignidade Humana – Curso Superior de Tecnologia em Desenvolvimento e Análise de Sistemas (TADS/UFPR);
- Feira de Cursos e Profissões da UFPR - 2017.

De todos os eventos acima mencionados, três merecem destaque por estarem diretamente ligados e alinhados com o objetivo principal desse trabalho (Apêndice D). O primeiro deles é o **Coquetel e Jantar – Seminário Etiqueta à Mesa**, apresentado pelas autoras, cujo objetivo foi a realização de uma aula prática de comportamento à mesa e manuseio de talheres, copos, alimentos e afins durante uma refeição em ambiente formal. Como esse seminário foi realizado em outubro de 2016, bem à época dos Jogos Paralímpicos do Rio 2016, as autoras perceberam, na

literatura consultada e na prática de realizá-lo, a falta de referencial teórico nos autores da área das etiquetas que fossem direcionadas também para pessoas com deficiência. Esse fato aguçou-lhes o interesse em conhecer como acontece a participação de pessoas com deficiência em eventos, pois foi possível constatar que se fala muito na inclusão de pessoas com deficiência no trabalho, na educação e na sociedade como um todo, mas quase nada é falado sobre sua inclusão em eventos propriamente ditos, a não ser a respeito dos equipamentos físicos/arquitetônicos (adequação de ambiente) para facilitar o acesso, não necessariamente a atitude de inclusão (o como agir). A partir desta constatação, a equipe lançou um olhar mais atento a fim de perceber a participação desse público em eventos em geral e, principalmente, nos eventos acadêmicos.

Os outros dois eventos em destaque, que serviram de estudo para esse trabalho, foram o **III Seminário Nacional de Tecnologia e Dignidade Humana** e a **Feira de Cursos e Profissões da UFPR – 2017**. Com eles, as autoras tiveram as experiências pessoais em como lidar (ou como não lidar) com uma pessoa com deficiência em eventos. Esses dois eventos serão apresentados na descrição das etapas de trabalho, mais adiante.

3 METODOLOGIA

Para implantação desse trabalho foram utilizadas ferramentas de coleta de dados diversificadas. Primeiramente, foi feito o levantamento da revisão bibliográfica para consolidar a fundamentação teórica sobre o tema do projeto. Foi consultada a legislação vigente que subsidia as informações legais concernentes às pessoas com deficiência. A pesquisa foi feita em ambiente da *internet*, nas páginas oficiais do governo, relacionadas nas referências.

Igual atenção foi dada aos autores que se debruçam a estudar, pesquisar e discorrer sobre os direitos e a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade em geral (por não haver autores que abordassem o tema desse trabalho de forma específica) e aos autores que versam sobre as técnicas de pesquisa. Entre os autores consultados estão Sasaki (2003, 2011); Zanella (2008); Matarazzo (2009); Lakatos e Marconi (2003); Richardson (2012).

Também foram pesquisadas as diretrizes atitudinais em guias e manuais elaborados e divulgados por Instituições de amparo às pessoas com deficiência, mais especificamente, os manuais elaborados pela Fundação de Ação Social (FAS) (2004 e 2012), da prefeitura de Curitiba; o Informativo: Área da Deficiência Visual, do Instituto Paranaense de Cegos (IPC) (2016); a cartilha de orientação para o atendimento a pessoas com deficiência, do programa “São Paulo Inclui” (SÃO PAULO, 2017) e o Guia de acessibilidade em Eventos (SÃO PAULO, 2012), ambos idealizado pelo Governo do Estado de São Paulo. As fontes documentais consultadas serviram de base para investigação estabelecida e para a construção do texto de referências.

Outra etapa da metodologia foi a pesquisa de campo, dividida em pesquisa observatório, entrevista e questionário.

Para Lakatos e Marconi (2003), pesquisa de campo é:

Aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. [...] O interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 186, 190).

Desse modo, na primeira pesquisa de campo foram feitas as pesquisas observatório. Para Lakatos e Marconi (2003, p.189), “a observação é uma técnica de

coleta de dados e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. De acordo com as modalidades dessa técnica, utilizou-se a observação não estruturada ou assistemática, por ter ocorrido de forma espontânea, ocasional e sem o emprego de estratégia previamente elaborada para registrar os eventos observados.

No caso desse trabalho, os objetos de observação e análise foram as presenças de pessoas com deficiência visual no **III Seminário de Tecnologia e Dignidade Humana**, realizado em maio 2017, e na **15ª Feira de Cursos e Profissões da UFPR**, realizado em agosto 2017. As autoras, nesses eventos, exerceram uma observação participativa; quando interagiram com o objeto observado – no caso os deficientes visuais - e não participativa; quando, à distância, observaram os alvos de investigação nos *lôcus* reais dos acontecimentos, como serão melhor detalhados na descrição da etapa seguinte.

Ainda dentro da pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas do tipo focalizada (Apêndice B). Segundo Lakatos e Marconi (2003), há nesse tipo de entrevista:

[...] um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.196).

Ou seja, as entrevistas realizadas tiveram um direcionamento do conteúdo, mas não um roteiro fixo.

Assim, buscando adquirir informações e conhecimentos, optou-se pelas abordagens empíricas através da coleta de dados a partir de fontes que vivenciam a deficiência visual. Para isso, foram entrevistados os deficientes visuais Lucas Rodrigues e Wagner Bitencourt (Anexo 2) Lucas é aluno Curso de Tecnologia em Desenvolvimento e Análise de Sistemas, no SEPT da UFPR, e Wagner Bitencourt, servidor no Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE)⁹, da UFPR, é graduado em Filosofia pela UFPR e, atualmente, está cursando mestrado na mesma área.

⁹ NAPNE - Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais, tem como uma de suas principais atividades identificar problemas de acessibilidade e estudar adaptações em todo o âmbito da UFPR.

Por fim, foi feita a aplicação de um questionário junto aos acadêmicos do Setor de Educação Profissional e Tecnológica da UFPR, mais especificamente aos alunos dos Cursos de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistema; Tecnologia em Negócios Imobiliários e Tecnologia em Secretariado, e, posteriormente, foi realizada a análise dos resultados. O questionário foi elaborado com 4 (quatro) perguntas objetivas, fechadas e com escolha de resposta entre as opções dadas (Apêndice C). As questões apresentavam uma lógica crescente de investigação, iniciando sobre a percepção da presença de pessoas com deficiência em eventos, passando pela investigação se essas pessoas estavam realmente incluídas nos eventos e, na sequência, quem promoveu essa inclusão. Para finalizar, foi questionado se os respondentes saberiam fazer a inclusão de pessoas com deficiência em eventos, sem causar constrangimentos.

No aspecto quantitativo, com base nos dados numéricos, a forma de coleta das respostas primou pela objetividade e simplicidade, utilizando a contagem de mãos levantadas para as alternativas propostas em cada uma das quatro questões apresentadas. Entretanto, os dados coletados também contemplaram uma análise qualitativa, pois que inferiram informações importantes e relevantes através das reações físico/emocionais, como surpresa e apatia, manifestadas pelos respondentes, porquanto, segundo Richardson (2012), os valores e as emoções fazem parte da subjetividade expressa nessa metodologia, uma vez que nos mostra que:

[...] há situações em que se evidencia a importância de uma abordagem qualitativa para efeito de compreender aspectos psicológicos [atitudes, motivações, expectativas, valores etc.] cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos devido à complexidade que encerra. (RICHARDSON, 2012, p.80).

A aplicação dos métodos quantitativo e qualitativo possibilitaram embasamento mais atencioso na análise dos resultados que serão apresentados mais adiante, na etapa 4.4.

É oportuno ressaltar que ao realizar as entrevistas e aplicar o questionário, foi destacada a importância das respostas, deixando claro que as informações coletadas colaborariam para aprimorar e melhor direcionar o acolhimento e a inclusão de pessoas com deficiência em eventos.

4 DESENVOLVIMENTOS DAS ATIVIDADES

A implantação do projeto ***“Inclusão De Pessoas Com Deficiência Em Eventos Sociais ou Corporativos: Estudos de Caso na Práxis Acadêmica”*** foi dividido em 5 etapas de ações. As atividades iniciaram com a observação dos dois casos práticos que serviram de base para o estudo, posteriormente aconteceram as entrevistas, na sequência promoveu-se a aplicação do questionário seguido da análise dos seus resultados e, por fim, foi feita a compilação das informações com dicas de ações e atitudes básicas para acolhimento às pessoas com deficiência visual. Conforme detalhados a seguir.

4.1 ETAPA 1 A: PESQUISA OBSERVATÓRIO EM EVENTOS I - SEPT

A pesquisa observatório deu-se em dois eventos distintos que possibilitaram relevante aprendizado para as autoras, que serão apresentados ao final das considerações, e contribuíram muito para entender como deve ser feita a acolhida de pessoas com deficiência em eventos.

O primeiro evento foi o III Seminário Nacional de Tecnologia e Dignidade Humana, organizando pela UFPR em parceria com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Instituto Tecnologia e Dignidade Humana e Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-Paraná), sob a coordenação da Prof.^a Mestra Andreia de Jesus, do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (TADS), realizado em 15 e 16 de maio de 2017, no auditório do Bloco C, do SEPT.

Nesse evento foi registrada a presença Lucas Rodrigues, jovem cego e acadêmico do curso TADS da UFPR, contudo, nem a Comissão de Eventos do Curso de Secretariado da UFPR, responsável pelo cerimonial, tampouco os palestrantes foram informados previamente da sua participação, portanto estavam despreparados para atendê-lo adequadamente. O que a equipe do cerimonial pode fazer foi improvisar maneiras de acolhê-lo da melhor forma possível, de forma empírica, uma vez que também não era conhecedora dos protocolos atitudinais de acessibilidade para esse tipo de deficiência, e tampouco, sabiam como lidar com pessoas com deficiência, porquanto todo conhecimento que a equipe possuía procedia dos estudos realizados na disciplina de Gestão de Eventos, no Curso de Secretariado, e dos

autores estudados durante a graduação, e ambos abordam a acessibilidade para pessoas com deficiência na perspectiva físico/arquitetônico, e não a prática desse acesso como forma de acolhimento necessário.

Observou-se nesse evento que dos doze palestrantes que se apresentaram, onze fizeram uso do *PowerPoint* (projeção de imagens e textos) de forma intensa. Apenas o Professor Marcos José Valle não utilizou recurso de mídia visual, não porque tivesse ciência antecipada da presença de uma pessoa cega na plateia, mas por adotar um trabalho de apresentação mais dinâmico, e naturalmente mais inclusivo, nos moldes do *TED Talk*¹⁰. Por essa postura, Professor Marcos foi convidado a contribuir com essa pesquisa, trazendo suas considerações do ponto de vista do palestrante em eventos (Apêndice E).

Segundo ele, todos devem receber a mensagem original, embora reconhecendo que isso não seja tarefa fácil. Portanto, a mensagem deve ser clara e simples para estar acessível a quem quer que seja, para o Professor Marcos:

A etapa de exposição do tema, do objetivo, a justificativa para transmissão de um conhecimento ou reflexão deve ser feita da forma mais clara e simples quanto for possível, assim, considero que uma boa fala e a disponibilização de um texto são ferramentas essenciais (o que atenderia inicialmente a demanda de pessoas cegas e com deficiência auditiva, respectivamente). (VALLE, 2017).¹¹

Em relação ao uso dos diversos recursos audiovisuais disponíveis para apresentação em eventos, o Professor adverte que esses não devem ser usados isoladamente ou como formas de compensar ausência de conteúdo. Ele cita o exemplo do uso de imagens, dizendo que o autor da apresentação deve sempre contextualizá-las e demonstrar porque as escolheu e, finaliza afirmando, que deixar uma imagem falar por si só, não atinge o objetivo de comunicação com deficientes visuais que estejam na plateia, e também deixará de ser compreendida por alguns

¹⁰ TED (Technology, Entertainment, Design). A TED é uma organização sem fins lucrativos dedicada à divulgação de ideias, geralmente sob a forma de conversas curtas e poderosas, limitadas a 18 minutos ou menos. (TED – IDEIA WORTH SPREADING, 2017) (tradução das autoras). Disponível em <<https://www.ted.com/about/our-organization>>. Acesso em 01 nov. 2017.

¹¹ VALLE, Marcos José. **TCC Alunas do Secretariado UFPR - Inclusão de pessoas com Deficiência em Eventos**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <reimagio@yahoo.com.br>. em: 13 nov. 2017.

dos participantes do evento, por ser considerada uma questão de interpretação pessoal, ou seja uma ação subjetiva.

Para as proponentes desse trabalho, analisando a forma de utilização dos recursos de mídia visual pelos palestrantes, talvez se na organização do evento houvesse a disponibilidade da audiodescrição¹² via ponto eletrônico, poderia ter sido feita a descrição do que estava sendo apresentado nos *slides*. Além disso, também poderia ter ajudado o Lucas a perceber o ambiente; os acontecimentos do evento; os detalhes do material gráfico; o público participante; a movimentação; a decoração e, inclusive, a mesa de comidas e bebidas servidas no *coffee break*, mas infelizmente o evento também não dispunha desse recurso.

Destacam-se ainda nesse evento, três outros momentos significativos que careceram o auxílio mais próximo da equipe organizadora. O primeiro foi durante a execução do hino nacional, onde todos os presentes se posicionaram de pé e voltados para a Bandeira do Brasil, em posição de respeito, por conhecerem as questões protocolares ou pelo senso de 'imitar' o próximo. No entanto, Lucas, sentado na primeira fila, provavelmente por falta de orientação e conhecimento, ficou voltado para o lado oposto – isso foi um tanto constrangedor, pois as pessoas que estavam nas fileiras mais atrás no auditório, não percebendo a deficiência visual do Lucas, provavelmente não entenderam, de pronto, a posição equivocada dele.

O segundo momento foi durante os intervalos (foram quatro ao todo), pois não havia disponibilidade da equipe organizadora para conduzir o Lucas até a mesa do café e descrever os pratos e bebidas disponíveis; isso foi feito por convidados do evento, que se dispuseram a ajudá-lo. Apenas em um dos intervalos, uma das autoras conseguiu se aproximar do Lucas, se apresentou e ofereceu ajuda. Ele aceitou ajuda para descrição das opções de comida que estavam sendo servidas e se dispôs a experimentar algumas.

¹² A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que permite a descrição oral de imagens, ambientes e sons não literais para que as pessoas com deficiência visual possam ter acesso às exposições de filmes, musicais, peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, óperas, apresentações de dança, desfiles de moda, passeios turísticos, palestras e seminários e outros eventos. A audiodescrição auxilia pessoas com deficiência visual a perceberem o ambiente e o seu contexto, os acontecimentos do evento, os detalhes do material gráfico, o público participante, a movimentação, as cores e decoração, as emoções, a mesa de comidas e bebidas servidas no *coffee break* e *buffet*, se houver, entre outros.

O terceiro momento foi quando Lucas quis ir ao banheiro; para levá-lo, ele próprio orientou uma das alunas, que estava colaborando no evento, a oferecer-lhe o braço como apoio para que ele pudesse segui-la até o *toilete*. Importante ressaltar que em relato posterior, a aluna contou que ficou apreensiva, pois não sabia se o conduzia até a porta do banheiro, ou se entrava com ele no banheiro – ela optou por informá-lo que o esperaria na porta.

O lado positivo da experiência com o Lucas foi, primeiro, a confirmação que o desejo de entender a participação do público com deficiência em eventos, despertado no após o Seminário de Etiqueta à Mesa, era totalmente pertinente. Segundo, a oportunidade de conhecê-lo e convidá-lo para colaborar no desenvolvimento desse trabalho, podendo, a partir disso, conhecer e fazer conhecer as formas de como acolher uma pessoa cega em eventos, ampliando as possibilidades de maior participação do Lucas e de outros deficientes nos eventos da UFPR.

4.1 ETAPA 1 B: PESQUISA OBSERVATÓRIO EM EVENTOS II – *CAMPUS* PIRAQUARA

O segundo evento observado foi a 15ª Feira de Cursos e Profissões da UFPR, realizada em agosto de 2017, no *campus* da UFPR, em Piraquara. Nesse evento houve presença de deficientes físicos, cegos, surdos e surdos/mudos. No entanto, não se observou a implementação das ferramentas de acessibilidade que beneficiassem a todos, segundo as normas de acessibilidade da ABNT/NBR 9050⁷. Apenas os deficientes físicos e os surdos tiveram um pouco mais de facilidade; os primeiros, devido à topografia plana do local onde a feira foi realizada e os espaços de circulação entre os estandes dos cursos. Os segundos, pela presença do Núcleo de Ensino de Libras (NEL), da UFPR, que, obviamente, pode atender aos participantes surdos e surdos/mudos no seu próprio estande e auxiliar, quando solicitados, em alguns atendimentos pontuais nos estandes dos outros cursos e durante as palestras ofertadas, entretanto, em nenhum local da feira havia o símbolo indicativo (Anexo 1) que o serviço de libras estava disponível. Já para os deficientes

visuais, nenhuma ferramenta de acessibilidade, como audiodescrição, piso tátil e material informativo em *braille*¹³ ou em áudio, foram oferecidos.

Por conta dessa falta de ferramentas aliadas ao despreparo em lidar com pessoas com deficiência, por parte dos Discentes, Docentes e Organizadores que estavam colaborando na divulgação dos cursos, pode-se observar uma ocorrência significativa no estande do Curso Superior de Tecnologia em Secretariado.

Nessa oportunidade, no estande do curso estava sendo apresentado um vídeo institucional, que incluía entrevistas com professores e imagens de alguns eventos organizados pelos alunos durante as disciplinas. Também estavam sendo distribuídos panfletos com informações sobre o curso, quando três visitantes, alunas do ensino médio, se aproximaram; e sendo uma delas totalmente cega, era conduzida pelas demais.

A acadêmica (uma das autoras deste trabalho) que as atendeu, primeiramente fez uma abordagem de praxe, se apresentado, apresentando o curso e perguntando os nomes das visitantes, mas como não obteve resposta da visitante cega, tocou-lhe o ombro – para chamar sua atenção, obtendo, assim uma resposta. Esta ação causou um certo constrangimento à acadêmica, pois não sabia se essa atitude era correta ou não. E os constrangimentos continuaram por não terem um material informativo apropriado para deficiente visual, e por não terem um vídeo com audiodescrição. Além disto, pela falta de contato visual com a aluna cega, a discente elevou várias vezes o tom de voz, na tentativa de manter a atenção e se comunicar melhor com a visitante cega; não compreendendo que a visitante a ouvia muito bem, apenas não lhe direcionava o olhar.

A análise da acadêmica foi que naquele momento faltou-lhe conhecimento e capacitação para atender pessoas com deficiência.

Após as duas pesquisas de observação houve a necessidade de aprofundar o entendimento de como acontece a acolhida da pessoa com deficiência visual em eventos, porquanto acolher é uma ação de aproximação, de admitir e atender outrem em suas demandas, ou seja, uma atitude de inclusão. (BRASIL, 2009b).

¹³ A Comissão Brasileira do Braille (CBB), em 2005, recomendou a grafia “braille”, com “b” minúsculo e dois “l” (letra éle), respeitando a forma original francesa, internacionalmente empregada, exceto quando em referência ao educador Louis Braille (1809-1852), criador do sistema de escrita e impressão para cegos. Portanto, grafa-se máquina braille, relógio braille, dispositivo eletrônico braille, sistema braille, biblioteca braille etc. (SASSAKI, 2011).

Para essa compreensão mais abrangente, foi feita uma pesquisa sobre a inclusão desse público sob a ótica dos próprios deficientes visuais; apresentadas nas entrevistas, e sob a ótica dos não deficientes visuais; obtidas através do questionário, ambos apresentados na sequência.

4.2 ETAPA 2 A: ENTREVISTA COM PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL (1)

A segunda investigação deu-se através do contato com pessoas com deficiência visual, para isso, contou-se com colaboração de Lucas Rodrigues, aluno do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (TADS), da UFPR. Lucas perdeu a visão aos cinco anos de idade e, em entrevista, expôs sua opinião e considerações sobre o acolhimento de pessoas cegas em eventos e sobre sua própria participação nos eventos acadêmicos. A entrevista ocorreu nas dependências do SEPT e foi agendada previamente por e-mail, com a intermediação da aluna do TADS, Adriana Corrêa Rodrigues (apesar do mesmo sobrenome do Lucas, eles são amigos e colegas de Curso).

Após as apresentações, as autoras recordaram ao Lucas o evento III Seminário de Tecnologia e Dignidade Humana, onde o encontraram pela primeira vez, apontando as situações de desafios que se fizeram presentes para acolhê-lo naquele dia. Relembrou que naquela ocasião não tinham sido informadas que ele estaria presente, portanto não estavam preparadas para agir e não tinham uma equipe que pudesse auxiliá-lo. Para essas colocações, tocando em um ponto crucial da interação deficiente e não-deficiente, Lucas respondeu:

O medo e a tensão exercem um grande papel tanto sobre as pessoas que enxergam quanto no deficiente visual; o primeiro fica tenso e com medo de abordar o deficiente, o segundo fica tenso e com medo do embaraço e do vexame em que possa se envolver. (RODRIGUES, 2017. Informação Verbal)¹⁴.

Sobre as situações de embaraços para o deficiente visual em eventos, foi perguntado se o processo de inscrição antecipada, com campos específicos para identificação da deficiência, ajudaria a minimizá-los. Lucas respondeu que sim, que

¹⁴ RODRIGUES, L. Entrevista. Out. 2017. Entrevistador: Kátia Regina da Silva Camisa e Maria Antonia Baggio Coppi. Curitiba, 2017. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice B desse Relatório.

isto demonstraria o empenho e o cuidado por parte dos organizadores para receber esse público, trazendo mais segurança para ambas as partes. Informou, ainda, que não precisa ser uma ficha de inscrição sofisticada, muito pelo contrário, basta uma ficha de inscrição simples, sem gráficos ou figuras, porque muitos deficientes visuais se utilizam de aplicativos leitores e esses aplicativos não conseguem ler imagens, mas orienta muito bem para realizar a inscrição.

Sobre sua participação em eventos, Lucas respondeu que participaria mais de eventos se os organizadores tivessem essa preocupação com as pessoas com deficiência e houvesse pessoas capacitadas para recepcioná-lo. Lucas afirma:

Com certeza, eu sei que vou lá e não vou ficar constrangido e não vou me perder. Eu tenho vontade de ir em alguns eventos lá no Centro Politécnico. No SEPT também tem alguns, mas daí eu penso 'poxa vida, eu vou lá e vou ficar perdido', então acabo desistindo de participar. (RODRIGUES, 2017. Informação Verbal).¹⁴

Lucas informou que um dos eventos acadêmicos que ele deixou de participar foi a Semana Acadêmica do TADS, seu curso de graduação, pois, nas poucas vezes que participou, teve dificuldade de se achar no ambiente e não tinha ninguém para auxiliá-lo.

No que tange a auxílio, foi perguntado a opinião do Lucas a respeito da oferta de ajuda durante um evento, o que deveria ser feito para ajudar e como seria esta ajuda. Sua resposta foi que a ajuda é sempre muito bem-vinda em eventos, demonstra organização e zelo com a pessoa com deficiência. No caso do deficiente visual, a abordagem é simples, basta aproximar-se com uma saudação, identificando-se e perguntar algo do tipo: 'precisa de algum auxílio' ou 'posso ajudá-lo em alguma coisa', a partir daí, segundo Lucas, o próprio deficiente visual dará as coordenadas. Lucas ainda afirmou que esse tipo de abordagem o deixaria mais confortável e seguro: "você vai a um lugar e percebe que as pessoas estão preocupadas com o seu bem-estar, você fica mais à vontade", disse ele. (RODRIGUES, 2017. Informação verbal).

Lucas também mencionou sua dificuldade de locomoção e acesso ao local dos eventos, pois não havendo pessoas para recepcioná-lo e orientá-lo fica quase impossível sua participação. Para ilustrar essa colocação, ele contou um episódio vivenciado quando da sua participação no SIEPE¹⁵ 2017, no Campus Botânico da

¹⁵ SIEPE: Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão - evento anual da Universidade Federal do Paraná (UFPR) que integra o Ensino, a Pesquisa e a Extensão com a finalidade de promover e

UFPR, dizendo: “eu cheguei lá, tive que mandar uma mensagem para um amigo me buscar na portaria porque eu não tinha a mínima ideia de como chegar até a sala de apresentação”. Para tentar corrigir situações como essa, Lucas confidenciou que pensa em desenvolver, a partir dos seus estudos acadêmicos, soluções acessíveis para pessoas com deficiência. Desse modo, foi falado sobre recursos tecnológicos que auxiliam o deficiente visual a locomover-se e interagir no ambiente em que se encontra: como aplicativos nos moldes do GPS (*Global Positioning System* ou Sistema de Posicionamento Global, em Português), que indicam lugares previamente cadastrados; os leitores de texto e a audiodescrição. Esses recursos são muito úteis no dia a dia do deficiente visual e muito bem-vindos em eventos, ampliando a acessibilidade e, conseqüentemente, ampliando a participação dos deficientes visuais.

Segundo as considerações do entrevistado, tudo que puder ser feito para melhorar a inclusão do deficiente visual em eventos tem um peso muito grande, é muito importante. Lucas tem uma conscientização muito forte sobre isto, ao ponto de dizer que gostaria de colaborar na organização de um evento e sugeriu que organizadores de eventos poderiam criar alguns eventos exclusivos para os cegos do Instituto Paranaense de Cegos (IPC), por exemplo, para que esse público desse o *feedback* das suas necessidades nesse quesito, assim teriam uma noção mais detalhada do que os deficientes visuais precisam, do que funciona e do que não funciona.

A entrevista com o Lucas contribuiu sobremaneira para esse trabalho e abriu a oportunidade de entrevistar Wagner Bitencourt, também deficiente visual, que será apresentado a seguir.

4.2 ETAPA 2 B: ENTREVISTA COM PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL (2)

Por indicação do primeiro entrevistado, Lucas Rodrigues, foi agendada uma entrevista com o deficiente visual Wagner Bitencourt. O encontro com o Wagner foi muito promissor. Ele recebeu as autoras na sala da coordenação do NAPNE, no prédio histórico da UFPR. Logo nos cumprimentos, com um pequeno gesto de

estimular a interação entre docentes, estudantes de graduação, educação profissional, ensino médio e pós-graduação, servidores técnicos, servidoras técnicas e comunidade em geral. (UFPR, 2017). Disponível em <<http://www.siepe.ufpr.br/>>. Acesso em out. 2017.

abertura dos seus braços, as autoras entenderam que ele queria recebê-las com um abraço de boas-vindas, no que foi prontamente correspondido. Wagner é uma pessoa muito atenta e conhecedora da sua realidade, da sua deficiência e da sociedade que o envolve. Muito inteligente e ativo, em uma das suas respostas sobre inclusão foi taxativo dizendo que antes de mais nada as pessoas devem tratar a pessoa com deficiência visual como um 'ser normal', sem ares de piedade ou como 'coitadinho' e muito menos como 'super-herói', visto tratar-se de uma pessoa com defeitos e qualidades como qualquer outra. Embora defendendo esse tratamento e uma certa autonomia para os deficientes visuais, Wagner reconheceu que eles, em momentos específicos, necessitam de ajuda e cuidados especiais, principalmente em eventos, em razão desses acontecimentos ocorrem em ambientes 'desconhecidos' e, muitas vezes, não adaptados para recebê-los.

Sobre a acessibilidade em geral, Wagner declarou que todos os lugares, por Lei¹⁶, devem ser acessíveis¹⁷ para qualquer pessoa, portanto, já deveriam estar preparados para inclusão não só na questão de espaço físico, mas também no atendimento pessoal, mas, na prática, não é isso que acontece. Na opinião de Wagner, as pessoas com deficiência não participam tanto de eventos quanto poderiam, e deveriam, devido às barreiras arquitetônica, de transporte, sinalização, comunicação e, principalmente, às barreiras de atitudes que impedem a acessibilidade. Para ele, nem mesmos os eventos que discutem políticas de inclusão estão totalmente adaptados para as pessoas com deficiência. "Percebo que tem uma Lei de inclusão que diz que todo evento tem que ser acessível, mas enquanto não tiver pessoas capacitadas para a acolhida, na prática, isso não vai acontecer" (BITENCOURT, 2017. Informação Verbal)¹⁸, completou Wagner, referindo-se ao fato de que em muitos eventos, os organizadores, por vezes, acreditam que se não for um evento específico para pessoas com deficiência, não precisa ter acessibilidade, ou

¹⁶ LEI Nº 13.146/2015 - Estatuto da Pessoa com Deficiência.

¹⁷ Acessível: Espaço, edificação, mobiliário, equipamento urbano ou elemento que possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa, inclusive aquelas com mobilidade reduzida. O termo acessível implica tanto acessibilidade física como de comunicação. (ABNT/NBR 9050, 2004). Disponível em <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_24.pdf>. Acesso em 15 nov. 2017.

¹⁸ BITENCOURT, W. Entrevista. Out. 2017. Entrevistador: Kátia Regina da Silva Camisa e Maria Antonia Baggio Coppi. Curitiba, 2017. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice C desse Relatório.

ainda, promovem a acessibilidade material, esquecendo que o acolhimento pessoal é extremamente importante.

Quando perguntado sobre sua participação em eventos durante a sua vida acadêmica, ele respondeu que participava dos eventos do seu curso de graduação, Filosofia, pois eram apresentações orais, onde a questão visual não era tão exigida para acompanhar o conteúdo. Mas declarou que o deficiente visual não pode ficar limitado a um tipo de evento por conta da falta de acessibilidade. Das inúmeras dificuldades que enfrentou, ele destacou, como exemplo, a dificuldade de encontrar os locais de ensalamento em alguns tipos de evento. Nesses casos, ele afirmou que simplesmente ter alguém da organização sempre disponível para atender e ajudar a pessoa com deficiência já faz toda a diferença. Entretanto, reconheceu que muitas vezes as pessoas que trabalham em eventos não estão preparadas e não sabem ajudar.

Questionado sobre como as pessoas não deficiente poderiam fazer o atendimento às pessoas com deficiência, Wagner expressou a mesma opinião do Lucas Rodrigues, dizendo que antes de mais nada, o melhor é sempre perguntar para a pessoa com deficiência se ela precisa de ajuda e como deve ser essa ajuda. Acrescentou que isso é necessário porque tem deficiente visual que consegue “se virar” bem sozinho e, ocasionalmente, vai recusar a oferta, e que isso é perfeitamente normal. Completou dizendo “Não precisa ter medo de perguntar se o deficiente visual precisa de auxílio ou alguma coisa, não há problema algum em perguntar. Aliás, isso é fundamental, simples assim” (BITENCOURT, 2017, informação verbal)¹⁸. Inclusive, no seu trabalho no NAPNE, esse é o primeiro conselho que Wagner dá para os professores e servidores que vão em busca de orientação para inclusão de pessoas com deficiência na educação. Segundo ele:

[...] quando eu pergunto ao servidor se ele já conversou com a pessoa com deficiência, se já perguntou o que ela precisa, geralmente a resposta é não. Acontece muito isso, o servidor vem primeiro perguntar o que tem que fazer, para depois falar com a pessoa com deficiência, quando deveria ser o inverso. Quando você pergunta e pede orientações para a própria pessoa com deficiência, a maior parte dos problemas e dos preconceitos se desmontam. (BITENCOURT, 2017. Informação Verbal).¹⁸

Aproveitando essas colocações, as autoras perguntaram ao Wagner, como proceder no auxílio a um deficiente visual em eventos que ofereçam comidas e

bebidas, como *coffee break*, coquetel ou *buffet*. Sua resposta foi: primeiro oferecer ajuda, se o deficiente visual a aceitar, descrever o que está sendo servido e, se necessário e possível, montar um pratinho com algumas opções de comida. Outro esclarecimento feito pelo Wagner foi a importância de oferecer auxílio para conduzir o deficiente visual até o banheiro. Para ele, de preferência, que isso seja feito por um homem, pois é necessário acompanhar o deficiente visual até o interior do banheiro; visto que alguns são grandes demais (“labirínticos”, na fala de Wagner) ou não são devidamente adaptados e sinalizados. No entanto, se o auxílio for prestado por uma mulher, a condução do deficiente visual é somente até a porta do banheiro, onde ela deve esperá-lo.

Outro ponto abordado na entrevista foi a forma como o deficiente visual recebe as divulgações de eventos. Wagner disse que, no caso dele, recebe por e-mails (ele possui o recurso de leitor de texto) e por amigos que o avisam. Contudo, fez a observação que, em ambiente acadêmico, a maioria dos eventos são divulgados por cartazes, o que não facilita a inclusão do deficiente visual logo de início.

Por outro lado, em concordância com Luca Rodrigues, pontuou que a inscrição em eventos com identificação de deficiências ajuda muito, uma vez que proporciona um *feedback* do público que irá participar e se haverá a presença de pessoas com deficiência ou não. Ponderou, também, que em muitos eventos essa presença pode ser de última hora, portanto toda a equipe deve estar preparada.

Para ele, quanto mais preparada a organização do evento, mais segurança trará para a pessoa com deficiência de modo geral, não só para o deficiente visual. Entretanto, reconheceu que a maioria dos eventos, dificilmente pede essa identificação no ato da inscrição ou dispõem de tecnologia assistiva¹⁹ para deficientes visuais e/ou equipe capacitada para assegurar a inclusão total do deficiente visual.

Sobre os recursos que facilitam a inclusão do deficiente visual em eventos, Wagner destacou o ampliador de imagens para quem tem baixa visão, informando que o NAPNE dispõe de 3 desses equipamentos para suas atividades. Outro destaque

¹⁹ Tecnologia assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. Fonte: Comitê De Ajudas Técnicas (CAT) 2006. Disponível em <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/livro-tecnologia-assistiva.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2017.

é a audiodescrição, porém orientou que esse recurso deve ser usado com critério, pois não funciona para todos os eventos, principalmente se não for bem utilizado, visto que pode causar uma ‘poluição sonora’ dificultando ainda mais o entendimento do deficiente visual. Ele sugeriu que em eventos onde é utilizado projeção de imagens e texto, e não tem o recurso da audiodescrição, o próprio palestrante ou orador pode descrever, de forma objetiva, o que é essencial nessas projeções. Na opinião do Wagner, esses profissionais têm a “obrigação moral” de estarem preparados para esse tipo de inclusão, uma vez que estão mais propensos a encontrar pessoas com deficiência nos eventos.

Outro ponto destacado, pelo entrevistado é a questão da sonorização. Quando ela não é bem-feita, cria uma distorção para o deficiente visual que, devido sua maior sensibilidade, perde a orientação espacial. Ele contou que é muito comum ver deficientes visuais, em eventos, voltados para o lado oposto do palestrante por não ter conseguido “entender” de onde vinha a referência da voz do palestrante. Ele explicou que como a pessoa cega ou com baixa visão não tem o contato visual, ela se orienta por vozes e/ou pelos sons do ambiente. Assim, segundo Wagner, o ideal seria um evento sem sonorização ou que a sonorização seja muito bem equalizada.

No que se refere ao uso do método *braille*, suas colocações são que nem todos os deficientes visuais têm acesso a essa alfabetização, portanto também não funciona para todos, mas reconheceu sua importância, especialmente em material de divulgação com pouco texto, nas identificações de lugares e nos elevadores, por exemplo. Wagner explicou que no caso dos elevadores, a escrita em *braille* deve ser combinada com áudio, porquanto não basta o deficiente visual saber apertar o botão com o número do andar desejado, tem que saber em que andar o elevador parou. Completou dizendo que, em eventos, é mais eficiente para um deficiente visual ter alguém para pedir informações e/ou orientações do que ter todo um informativo em *braille*, onde terá que procurar, por conta própria, o que deseja e isso demanda tempo e habilidade.

Wagner concluiu a entrevista falando sobre a importância de se mostrar, cada vez mais, as dificuldades vivenciadas pelos deficientes visuais e as suas necessidades. Quanto mais esse tema for divulgado, mais possibilita a conscientização das pessoas não-deficientes, e faz com que as políticas públicas e leis de inclusão sejam cumpridas, para que pessoas como ele, como o Lucas e como

tantos outros deficientes visuais 'invisíveis' não acabem deixando de participar de eventos, não porque não querem, mas porque são constrangidos a isso.

4.3 ETAPA 3: APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

A partir da entrevista com o Lucas, buscou-se compreender o posicionamento das pessoas não-deficientes frente à inclusão de pessoas com deficiência em eventos em geral. Para isso escolheu-se os alunos videntes²⁰ do Setor de Educação Profissional e Tecnológica (SEPT), da UFPR, por estarem inseridos na ambientação desse trabalho, ou seja, o *lôco* acadêmico.

Foram selecionados os alunos do 4º, 5º e 6º períodos dos Cursos Tecnologia em Análise Desenvolvimentos de Sistemas; alunos do 2º, 4º e 6º período do Curso de Tecnologia em Negócios Imobiliários e alunos do sexto período do Curso de Tecnologia em Secretariado (o 2º e 4º períodos do Curso de Secretariado não foram ouvidos por incompatibilidade de agenda), perfazendo um total de 210 participantes. A aplicação do questionário foi presencial e teve duração de dois dias, para que todas as turmas escolhidas pudessem ser acessadas.

A abordagem foi simples e direta, conforme apresentado na metodologia. Dessa forma, a análise do perfil dos respondentes foi feita com base na observação empírica das autoras. Portanto, em relação ao gênero dos participantes, percebeu-se que houve um equilíbrio, pois, cada curso selecionado tem característica própria quanto ao sexo dos discentes matriculados: o Curso de Tecnologia em Secretariado é predominantemente feminino; Negócios Imobiliários é heterogêneo e o TADS é composto, em grande parte, por alunos do sexo masculino. Já a idade aparente dos respondentes, uma vez que isso não foi inquerido especificamente, variou de 19 a 45 anos. Quanto ao perfil socioeconômico, ao que tudo indica, os respondentes estão inseridos, em sua maioria, nas classes C e D, com renda familiar média de 2 a 10 salários mínimos²¹.

²⁰ Vidente: designação dada à pessoa que tem visão, por oposição a cego. (*Dicio*, Dicionário Online de Português: definições e significados, 2017. Acesso em 21 out. 2017).

²¹ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as classes socioeconômicas são definidas a partir dos rendimentos familiares per capita, ou seja, por faixas de Salário-Mínimo. Sendo Classe social A: acima de 20 SM; Classe B: de 10 a 20 SM; Classe C: de 4 a 10 SM; Classe D: de 2 a 4 SM e a Classe E: até 2 Salários Mínimos. (IBGE, 2017).

Assim, com a autorização do professor presente em sala de aula, enquanto uma das autoras, do projeto, explicou aos alunos o objetivo do questionário e o método de verificação de respostas, as outras duas autoras fizeram a contagem do total de alunos presentes na sala. Na sequência, uma das autoras fez as perguntas do questionário, para as quais os alunos deveriam responder através do levantamento de mão, e as outras duas autoras fizeram o registro das respostas através da contagem das mãos levantadas.

Registra-se aqui que em algumas turmas, o tema rendeu surpresa na maioria dos participantes e comentários por parte de alguns alunos que compartilharam situações pessoais no sentido de ter um familiar com deficiência e sobre a dificuldade de incluí-los nos eventos, mesmo nos eventos em família. O que corrobora a importância também da análise qualitativa dessa investigação.

É importante ressaltar que mesmo com uma pequena amostra de respondentes (210, em um universo de 1340 alunos do Setor) foi possível verificar as percepções das pessoas não-deficientes em relação à inclusão de pessoas com deficiência em eventos.

Essa etapa gerou os dados e informações que serão analisados a seguir

4.4 ETAPA 4: ANÁLISE DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

A metodologia adotada para análise dados coletados pelo questionário possui caráter misto, ou seja, tanto o cunho quantitativo e quanto o qualitativo, onde foram avaliados tanto os dados obtidos de acordo com os números (quantidade de respostas para uma determinada questão), quanto pelo conteúdo das informações (valores e emoções implícitos nas respostas ou não respostas), garantindo que a análise fosse tanto objetiva quanto subjetiva. Com essas considerações, Richardson (2012), nos apresenta o método quantitativo da seguinte forma:

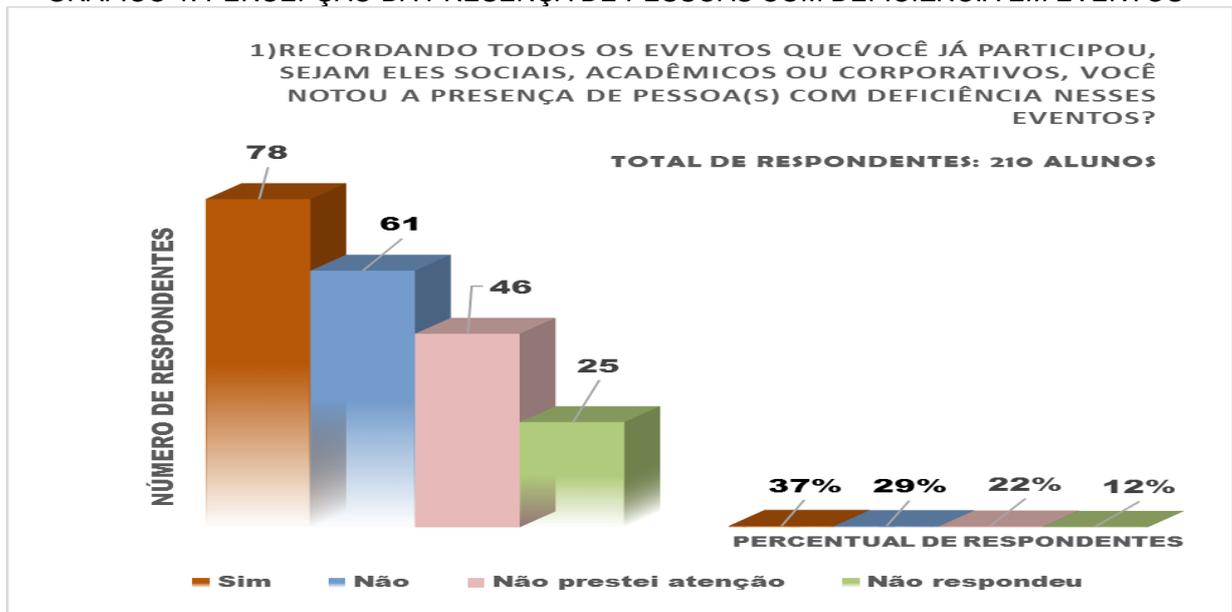
O método quantitativo [...] caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc. (RICHARDSON, 2012, p 70).

Assim, optou-se pelo método quantitativo por estar apropriado ao tipo de estudo que se desejou realizar, ou seja, obter números acerca do conteúdo exposto conforme a quantidade de respondentes e de acordo com opções de respostas previamente estabelecidas, não considerando nesse momento a opinião mais pessoal e subjetiva de cada um dos respondentes. Por esse método, o tratamento dados à análise dos resultados gerou os percentuais demonstrados nos gráficos, apresentados mais abaixo.

Segundo Duarte (2012) a pesquisa qualitativa é a consideração dos traços subjetivos e as particularidades do sujeito investigado e que não podem ser dissociados da sua realidade, interpretando aquilo que não pode ser mensurável ou quantificado. Desta forma, decidiu-se, também, pela análise qualitativa dos dados obtidos, porquanto durante as abordagens, as autoras perceberam que os respondentes apresentaram comportamentos corporais diversos e expressivos, através da manifestação (ou não manifestação) em relação às perguntas e respostas, e que não poderiam ser desprezados na avaliação dos resultados, pois contribuíram para o entendimento e ilações em relação ao tema proposto.

Assim sendo, a primeira pergunta teve por objetivo investigar a percepção dos respondentes quanto à presença e participação de pessoas com deficiência em eventos de qualquer tipologia. Desse modo, foi solicitado para que os alunos recordassem todos os tipos de eventos que eles já haviam participado e respondessem se haviam percebido a presença de pessoa(s) com deficiência nesse(s) evento(s). Os resultados apontam que 78 alunos disseram “sim”, ou seja, 37% dos respondentes haviam notado a presença de pessoa(s) com deficiência, 29% responderam “não”, 22% responderam que “não prestaram atenção nisso” e 12% não responderam, conforme gráfico a seguir:

GRÁFICO 1: PERCEÇÃO DA PRESENÇA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM EVENTOS



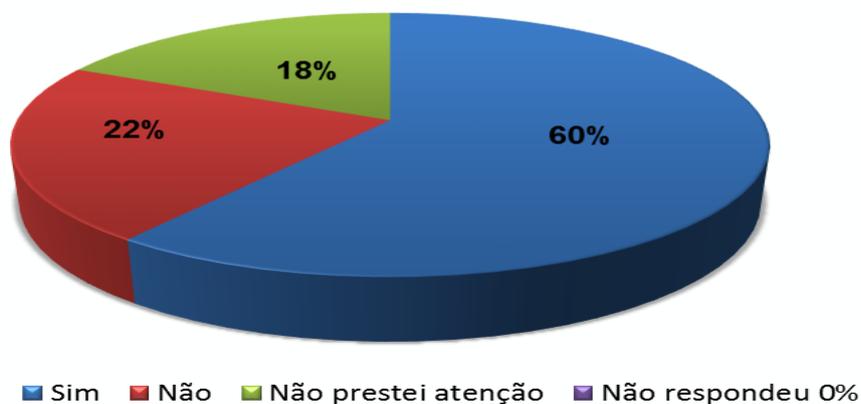
Fonte: Elaborado pelas autoras (2017)

A segunda pergunta levou em consideração somente os 78 alunos que responderam “sim” para a primeira questão. Para esses alunos foi perguntado se essa(s) pessoa(s) foi/foram efetivamente acolhida(s) e participou/participaram ativamente (interagiu/interagiram) no evento. Para essa questão, 60% responderam “sim”, 22% responderam “não” e 18% disseram não ter prestado atenção nisso. Esses dados estão representados no gráfico abaixo.

GRÁFICO 2: ACOLHIMENTO EFETIVO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM EVENTOS

2) Caso afirmativo, essa (s) pessoa (s) com deficiência foi/foram efetivamente acolhida (s) e participou/participaram ativamente (interagiu/interagiram) nesse evento?

Total de Respondentes: 78

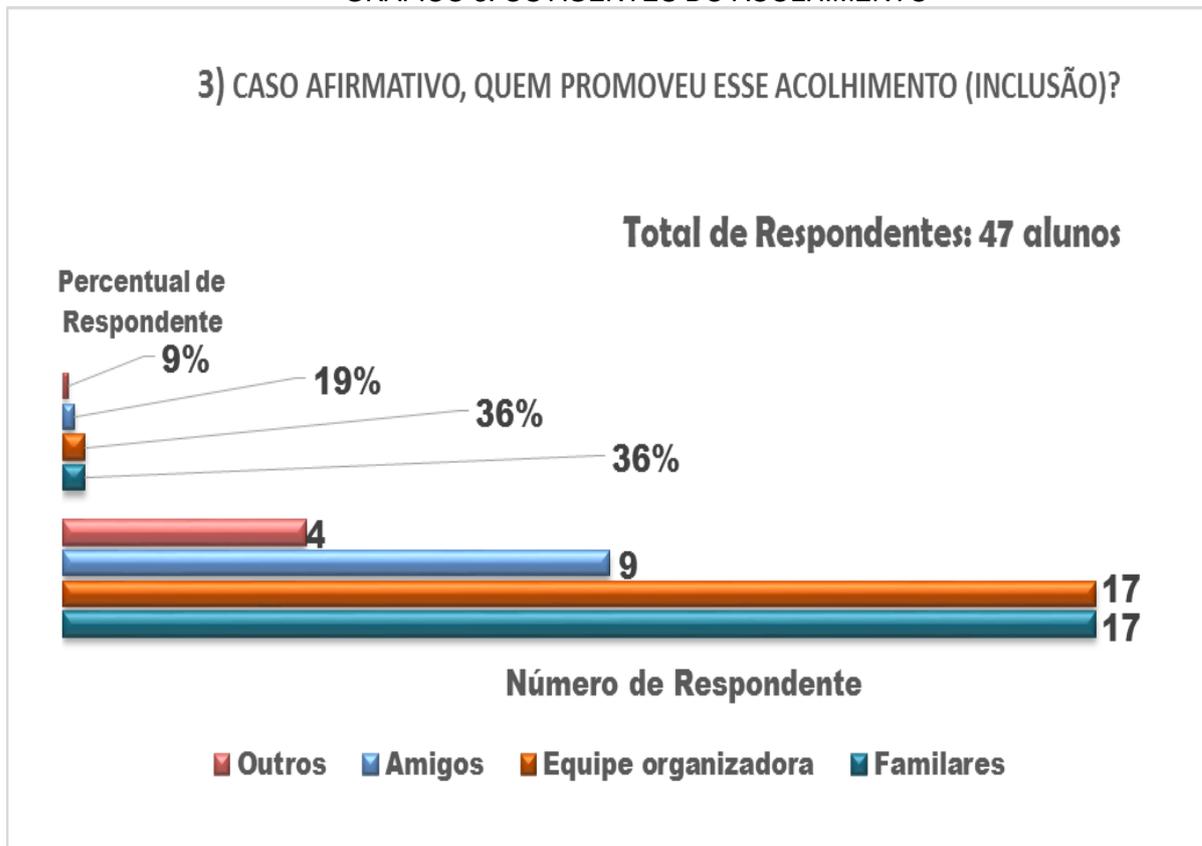


Fonte: Elaborado pelas autoras (2017)

Em uma análise mais atenta, o gráfico acima (gráfico 2) mostra percentuais parcialmente satisfatórios quanto ao ato da inclusão, entretanto eles representam apenas as respostas de 78 dos 210 respondentes, ou seja, menos de 1/3 da amostragem, o que corresponde a um percentual relativamente baixo quanto a percepção da participação do público com deficiência em eventos.

Para a questão número 3 (três) foi novamente solicitado que a respondessem somente quem respondera afirmativamente à questão número 2 (dois). Nessa terceira questão foi perguntado quem promoveu o acolhimento ou inclusão, sendo dadas 4 (quatro) opções de resposta: familiares; organizadores do evento; amigos ou outros. 36% dos respondentes disseram que foram “familiares”, mesmo percentual para quem respondeu “equipe organizadora do evento”, 19% afirmaram que foram “amigos” e 9% indicaram que “outros” promoveram essa inclusão. O quadro a seguir expressa este resultado.

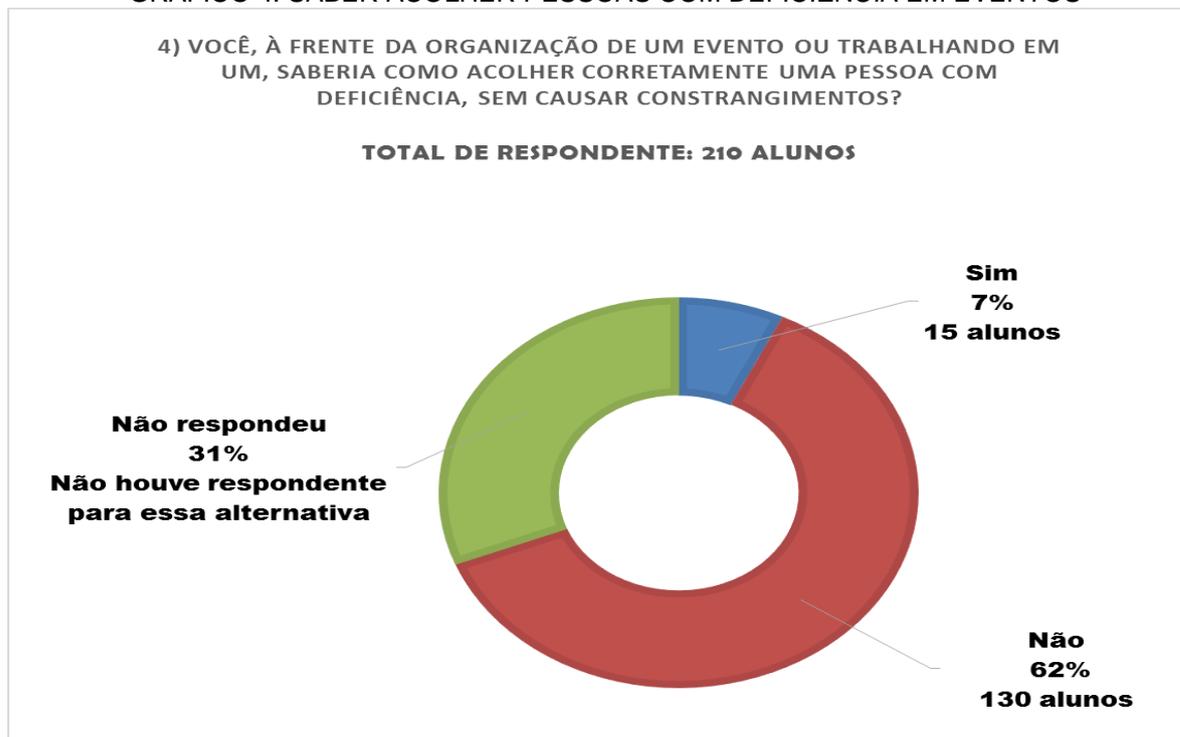
GRÁFICO 3: OS AGENTES DO ACOLHIMENTO



A quarta e última questão foi direcionada a todos os alunos novamente, por conter o segundo objetivo da pesquisa que é, investigar sobre a habilidade dos

respondentes em lidar com a inclusão de pessoas com deficiência em eventos, estando trabalhando ou à frente da organização de um evento. Dos 210 alunos registrados na pesquisa, 62% foram categóricos ao afirmar que não saberiam fazer esse acolhimento, 31% não responderam a essa questão e apenas 7% disseram ter capacitação para lidar com pessoas com deficiência sem causar constrangimentos, contudo, por não ser o foco da pesquisa naquele momento, não houve o aprofundamento da questão para verificar em que aspecto se dá essa capacidade. O que se evidencia aqui é que esses resultados reforçam que as pessoas sem deficiência não estão preparadas para atendimento às pessoas com deficiência de forma correta. Vide gráfico abaixo.

GRÁFICO 4: SABER ACOLHER PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM EVENTOS



Fonte: Elaborado pelas autoras (2017)

Ainda como resultados das análises, um ponto importante observado ao realizar a coleta e análise dos dados foi uma “certa falta de interesse” pelo tema por parte de 12% dos acadêmicos questionados e que não responderam à pergunta 1. Durante a aplicação do questionário, esses alunos ficaram envolvidos com seus celulares, *notebooks* ou, mesmo, saíram da sala (atitude tomada por dois alunos). Esse percentual aumentou para 31% quando foi apresentada a quarta pergunta do

questionário. Constatou-se uma atitude de resistência com o tema abordado, um certo constrangimento para efetuar a resposta, contudo, na percepção das autoras, não ficou claro se essa reação era por causa do tema em si, ou pelos alunos não saberem agir diante dele, uma vez que o índice de respondentes que não saberiam que atitude tomar diante de uma pessoa com deficiência também foi muito alto, como aponta o gráfico número 4.

Sob outra perspectiva de análise, observou-se que o tema gerou resultados positivos no sentido do despertar para esse assunto. Muitos alunos, e até mesmo os professores, ficaram surpresos com o tema, pois era algo que eles nunca haviam pensado ou se dado conta da existência. Embora não fosse o objetivo da pesquisa, alguns alunos quiseram se manifestar, expondo as dificuldades que vivenciam para fazer a inclusão de familiares com deficiência em quaisquer tipos de eventos. Segundo esses alunos, nem mesmo os familiares estão aptos a promover essa inclusão.

Por fim, as análises quantitativas e qualitativas dos resultados confirmam o despreparo das pessoas não deficientes no acolhimento às pessoas com deficiência, sobretudo no que se refere à participação destas em eventos. Pode se inferir, também, que esse tema é negligenciado pela falta de percepção das pessoas não deficientes, pela falta de um olhar mais atento, pela falta de boa vontade de aprender ou talvez por preconceito, por parte de alguns.

4.5 ETAPA 5 – COMPILAÇÃO DE DICAS, ORIENTAÇÕES E NORMAS PARA ACOLHER PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM EVENTOS

Nessa etapa, foram analisadas todas as informações coletadas durante a etapas 1, 2 e 3 e, após, foi compilado um resumo básico com dicas, sugestões e normas de acolhimento às pessoas com deficiência visual. Entende-se que essas orientações valem para toda e qualquer interação com esse público, independente de ocasião, contudo, se elas forem de conhecimento dos organizadores e trabalhadores de eventos, a sua aplicação deixará o processo de inclusão em eventos mais fácil e natural para ambas as partes.

Para a montagem dessa compilação foram utilizados, mais especificamente, os informativos da Fundação de Ação Social (FAS), da prefeitura de Curitiba/PR: “Como você deve se comportar diante” e “O agir e a atitude diante de pessoa com deficiência: noções básicas” e o informativo: “Área da Deficiência Visual, Noções

gerais sobre como se relacionar com pessoas com deficiência visual”, do Instituto Paranaense de Cegos (IPC). Ressalta-se que a divulgação do conteúdo desses informativos pode e deve ser promovida, mantendo-se a fonte de referência.

Todo o material mencionado foi lido e, a partir daí, selecionadas as informações direcionadas especificamente aos deficientes visuais, entretanto, com a devida adequação, elas podem ser perfeitamente aplicadas aos outros tipos de deficiências.

O resumo a seguir, aqui é apresentado em tópicos para melhor visualização e praticidade de entendimento. Entretanto ele também está disponibilizado em outros dois formatos de divulgação: um folheto simples (Apêndice F) e um livreto mais lúdico, com imagens e cores variadas (Apêndice G). Destaca-se que as dicas e orientações são as mesmas em todos os materiais elaborados.

Título: GUIA ATITUDINAL PARA LIDAR COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL – NOÇÕES BÁSICAS

- Oferecer ajuda sempre que uma pessoa cega parecer necessitar, mas não ajudar sem que ela concorde. Evite tocá-la.
- Sempre perguntar antes de agir. Se não souber em que e como ajudar, pedir ao próprio deficiente visual, explicações de como fazê-lo.
- Para guiar uma pessoa cega, não a empurre ou puxe-a pelo braço; basta deixá-la segurar seu braço, que o movimento do seu corpo lhe dará a orientação de que ela precisa. Nas passagens estreitas, tome a frente e deixe-a colocar a mão dela em seu ombro, para segui-lo.
- Ao guiar uma pessoa cega, à medida que encontrar degraus, meios fios e outros obstáculos, esses devem ser mencionados, indicando inclusive as distâncias em metros ou em passos e as direções como esquerda e direita (p.ex. “uns vinte metros para frente ou à direita”).
- Ao entrar num recinto onde encontra-se uma pessoa com deficiência visual, identifique-se para dar ciência da sua chegada. Ao sair, o procedimento de aviso também deve ser o mesmo, para que ela não continue conversando, achando que você ainda está no ambiente.

- Na presença de pessoa com deficiência visual não é necessário evitar expressões como “veja” e “olhe”. Os deficientes visuais também as usam naturalmente.
- Ao explicar direções para uma pessoa cega, seja o mais claro e específico possível.
- Para ajudar um deficiente visual a se sentar, deve-se guiá-lo até a cadeira e colocar a sua mão sobre o encosto da mesma, informando se esta tem braços ou não, a partir daí, deixar que ele se sente por conta própria.
- Não trate a pessoa com deficiência visual com piedade ou como se ela fosse criança ou extremamente incapacitada. Trate-a com cordialidade, como alguém capaz de participar da vida em todos os sentidos e ofereça ajuda se necessário.
- Devido à impossibilidade de contato visual, quando for interagir com uma pessoa cega ou com baixa visão, chame-a pelo nome e/ou identifique-se; faça-se perceber que está falando com ela, dando um leve toque em seu ombro. Quando conversar com um deficiente visual sobre coisas que lhe dizem respeito, mesmo que ele esteja acompanhado, dirija-se diretamente a ele, e não ao seu acompanhante.
- Um dos principais recursos utilizados por deficientes visuais para uma vida mais independente é utilização da bengala, com a qual eles localizam os obstáculos existentes na sua trajetória. Assim, sendo um instrumento de uso pessoal, jamais a bengala deve ser retirada do controle de seu usuário.
- Outro recurso de locomoção que vem sendo utilizado é o cão-guia. Este, pela Lei Nº 11.126/2005 (BRASIL, 2005), pode ingressar e permanecer ao lado do deficiente visual em qualquer ambiente de uso coletivo público ou privado, e isso vale também para os eventos. Se o cão guia estiver usando o arreio (uma coleira especial para esse tipo de atividade), não se deve fazer-lhe afagos ou dar-lhe comida, pois ele entenderá isso como “não estar mais a trabalho” e se desconcentrará da sua missão de guiar. O correto é oferecer-lhe apenas água.
- É preciso tomar cuidado com o gesto de estender a mão para fazer o tradicional cumprimento. Para evitar constrangimento tanto da parte da pessoa cega ou com baixa visão, quanto da parte das demais pessoas, basta

ficar atento ao movimento da pessoa que não enxerga para respondê-la adequadamente com o cumprimento. Caso o desejo seja cumprimentá-la com o gesto de estender a mão, basta aproximar-se dela, identificando-se e tocá-la levemente, logo ela entenderá a intenção.

- A pessoa com deficiência visual tende a potencializar o desenvolvimento de outros sentidos, como o olfato e a audição, portanto, converse com a pessoa cega com tom de voz normal.
- Para auxiliar um deficiente visual em eventos com *buffet* ou *coffee break*, leia ou descreva o cardápio ou as opções de comida e bebidas disponíveis. Se for necessário, ofereça-se para fazer-lhe prato com as comidas, dispondo-as de acordo com as horas do relógio e informe o que está em cada lugar. Se for uma refeição e a comida for servida em pedaços grande, ofereça-se para cortá-los, mas só o faça se o deficiente visual aceitar a ajuda.
- Não tenha medo em lidar com o deficiente visual, o importante é agir com naturalidade.

As ações propostas nessa compilação visam derrubar as barreiras atitudinais do medo, do preconceito, da insegurança e discriminações. Porquanto eliminar esses sentimentos e atitudes demonstra respeito, empatia, sensibilidade, conscientização e humanidade. Colocar estas ações em prática requer apenas boa vontade, busca de informações e aprendizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve por objetivo pesquisar como acontece a inclusão de pessoas com deficiência em eventos, mais particularmente, a inclusão dos deficientes visuais. O enfoque pretendido foi entender a inclusão não do ponto da acessibilidade arquitetônica ou estrutural, mas do ponto de vista a evidenciar e desmistificar o **como agir e interagir** com um deficiente visual no que se refere a sua inclusão em eventos, assunto sobre o qual não foram identificados, por meio das pesquisas, que existam estudos mais aprofundados sobre o tema. Conseqüentemente, muito do que foi apresentado fundamentou-se nas experiências vividas pelas autoras e no conhecimento adquirido através da observação.

Assim sendo, procurando respostas para a inclusão atitudinal de pessoas com deficiência visual em eventos, ao longo da pesquisa, pode-se observar o tema proposto sob dois cenários: A primeira perspectiva que se sobressaiu ficou por conta da população não deficiente. Quando abordados e informados sobre o sujeito da pesquisa, a reação era das mais variadas; principalmente de espanto e surpresa. Muitos informaram o desconhecimento dos procedimentos atitudinais de inclusão, dando ter ciência apenas dos equipamentos de acessibilidade de ordem básica como infraestrutura e transporte; por conseguinte, alegaram inaptidão para realizar um acolhimento mais pessoal e humano aos deficientes visuais (ou às pessoas com qualquer outro tipo de deficiência). Outros, demonstraram indiferença ao tema, como naturalmente ocorre quando o assunto envolve valores diversos de aceitação e entendimento.

Ainda sob essa mesma perspectiva, no que se refere à amostragem acadêmica utilizada para a investigação, é possível entender que o despreparo para interagir com uma pessoa com deficiência visual, ou com outras deficiências, não é o nível intelectual, e sim a falta de informação. Embora no que tange a inclusão em eventos propriamente ditos, o referencial teórico seja muito escasso, por analogia a outros tipos de inclusão (como a educacional, por exemplo) pode-se inferir as ações para a inclusão em eventos, pois que o objetivo maior, aqui, é a atitude para com o deficiente visual. Além do mais, nesse quesito, conforme declararam os entrevistados, a própria pessoa com deficiência é a fonte de orientação e instrução de como se deve agir.

A segunda perspectiva de observação foi sob a ótica dos próprios deficientes visuais. Conhecer de perto Lucas Rodrigues e Wagner Bitencourt possibilitaram experiências ímpares para as autoras e viabilizou levantar a ponta de um véu que encobre esse tema, mas que carece de ser aprofundado. É interessante notar que o desejo de maior participação e interação em eventos, expressado por Lucas Rodrigues, é, por via de regra, latente tanto nas pessoas com deficiência, quanto em qualquer outra não deficiente.

Assim, transmitir a segurança de que elas precisam é fundamental para que esse desejo se concretize e elas se sintam amparadas e confiantes no seu próprio comportamento dentro de um evento e na atuação dos que estão nos bastidores trabalhando na sua realização.

É possível depreender que as dificuldades de inclusão em eventos, que se apresentam num primeiro momento, desaparecem quando há a orientação do profissional e conscientização para derrubar as barreiras atitudinais. Talvez, conhecer mais a fundo o significado deste termo facilite esse processo de mudança, visto que “as barreiras atitudinais não são visíveis e, na maioria das vezes, são inconscientes e de difícil reconhecimento, principalmente por parte de quem as pratica”. (PONTE e SILVA, 2015, p. 265). Segundo a Deputada Federal Mara Gabrilli, tetraplégica após um acidente de carro em 1994, barreira atitudinal é sinônimo de preconceito, é medo, falta de conhecimento e indiferença em relação à convivência com uma pessoa com deficiência. (GABRILLI, 2013)²². Essas assertivas podem explicar a não percepção desse público nos eventos em geral.

Em relação à organização de um evento, é obrigatório, pela Lei de Inclusão Nº 13.146/2015 (BRASIL, 2015), considerar a participação de pessoas com deficiência e garantir a disponibilidade de serviços e recursos que facilitem essa participação: como mediadores; guias; letores e intérpretes profissionais da língua de sinais; audiodescrição; informes em áudio; material informativo em *braille*; letras ampliadas e outras tecnologias assistivas que se apliquem, além de espaço de circulação adequado e identificação dos recursos de acessibilidade existentes para que as pessoas com deficiência e/ou seus acompanhantes saibam dessa disponibilidade.

²² GABRILLI, M. **O que são barreiras atitudinais?** Canal BUSTV. Publicado em 28 de mar de 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ifDfiXuZzkQ>>. Acesso em 16 nov. 2017.

Cabe ainda dizer que o treinamento com as equipes de trabalho, apresentando orientações a respeito dos procedimentos e atitudes que devem ser adotados para atender e acolher pessoas com deficiência, também faz parte do rol de providências a serem tomadas para a inclusão.

Todavia, através das informações levantadas com a pesquisa, depreende-se que a utilização dos recursos humanos e tecnológico deve ser criteriosa e bem planejada, pois que nem todos servem para todos os tipos de eventos. Cada recurso tem a sua funcionalidade e utilizá-los de forma equivocada pode surtir efeito indesejado, ou seja, atrapalhar mais a pessoa com deficiência do que ajudá-la.

Ainda com base nas entrevistas e as observações de campo, apresentadas, compreende-se que o primeiro passo para acolher pessoas com deficiência visual em eventos começa na divulgação e no convite. Estes devem ser acessíveis para que os aplicativos tecnológicos utilizados pelos deficientes visuais possam identificá-los.

Infere-se, também, que a divulgação e o convite devem ser de fácil entendimento e deixar claro que a participação dos deficientes visuais será bem-vinda e eles terão recursos e auxílio necessário para estarem incluídos no evento.

Cabe ressaltar a importância do processo de inscrição (mesmo para eventos gratuitos) que abarque não só a coleta de informações básicas do público em geral, mas também as específicas sobre o público com deficiência.

Com essas opções mais direcionadas, a etapa da inscrição torna-se uma ferramenta relevante, pois é nesse momento que se pode obter os dados para direcionar as atividades no sentido de identificar quais recursos humanos e tecnológicos serão necessários e provê-los; capacitar equipe de trabalho; verificar e providenciar adequação do ambiente físico; dependendo do tipo de evento, dar ciência aos palestrantes, oradores etc., sobre a presença desse público, e outras ações que se fizerem necessárias.

Outra ilação desse trabalho é a evidente importância do saber promover inclusões como parte da capacitação profissional na formação Secretarial, uma vez que, pelas suas atribuições de profissionais multifuncionais e polivalência estarão à frente de todo o processo de planejamento, organização e execução de eventos, principalmente, os eventos corporativos. (NEIVA; D'ELIA, 2009). Além do mais, com a vigência da chamada Lei de cotas (Lei Federal nº 8.213/91, artigos 89 e 93, BRASIL, 1991), é garantida às pessoas com deficiência a possibilidade de exercerem alguma

atividade laboral em empresas com mais de 100 funcionários, com isso é bem provável que, no exercício profissional, o(a)s secretário(a)s tenham que lidar com esse público. Desse modo, justifica a abordagem do tema, aqui apresentado, durante a formação acadêmica.

Nesse sentido, é importante destacar uma das contribuições desse trabalho: a Professora da Disciplina de Gestão de Eventos do Curso Superior de Tecnologia em Secretariado da UFPR, Eliana Maria Ieger, o adotará como referência para ensino/aprendizado dos próximos profissionais de secretariado em graduação, a partir de 2018. Ao disponibilizar o conteúdo desse trabalho para outros discentes do curso, espera-se que nele possam se basear para aprimorar as percepções em relação as pessoas com deficiência e ampliar as habilidades de interação com esse público.

É oportuno lembrar que esse estudo abordou mais especificamente a deficiência visual, fazendo referências pontuais às outras deficiências em colocações comuns a todas elas. Todavia, em razão de cada deficiência ter sua peculiaridade, as demais deficiências também merecem, outrossim, ter suas ações atitudinais investigada e divulgadas, criando, desse modo, a possibilidade de expansão desse projeto.

Além disso, outros enfoques sobre esse mesmo tema, ou mesmo estreitar ou ampliar o campo de pesquisa pode ser necessário no sentido de aprofundar os resultados aqui apresentados, posto que, conforme Brasil (2009a), a deficiência é um conceito que pode ganhar novas definições e conseqüentemente novos modos de acessibilidade. Ademais, os próprios avanços da tecnologia assistiva e o aumento de pessoas acometidas por deficiências, no Brasil, corroboram essa necessidade de novas pesquisas.

No tocante ao aumento de pessoas acometidas por deficiências, dados levantados por Andrés (2014), com base nas informações do Censo IBGE 2010, demonstram que, no Brasil, o número de pessoas com deficiência saltou de 24,6 milhões, em 2000, para 45,6 milhões, em 2010, sendo que a deficiência visual foi a mais citada em ambos. Em vista desse crescimento, ressalta-se que além das deficiências congênitas, muitas pessoas tornam-se deficientes ao longo da vida por problemas de doenças, acidentes ou violência social (TEIXEIRA e GUIMARÃES, 2005). Desse modo, infelizmente ninguém está livre de uma intercorrência dessa natureza.

Assim, faz-se entender, finalmente, que não dá para não se importar com a inclusão das pessoas com deficiência em qualquer aspecto que seja, principalmente no que se refere a inclusão atitudinal. Já a inclusão em eventos, é possível identificar que com boa vontade e ajuda dos recursos da tecnologia assistiva, a inclusão de pessoas com deficiência é fato viável. O que precisa é atenção, informação, empatia e aprendizado.

Nesse aspecto o resumo apresentado na etapa 4.5, com as atitudes/postura que devem ser tomadas ao lidar com um deficiente visual, contribui muito, por ser uma forma prática de acessar a informação. Entretanto se houver alguma situação que esse resumo não contemple, segundo os depoimentos coletados, basta perguntar à própria pessoa com deficiência como proceder. O que não se pode é permitir que o medo se sobressaia à oportunidade de aprender, acarretando sensação de incapacidade por não estar preparado; é importante desmistificar a deficiência a partir do próprio conhecimento (NUERNBERG, 2009), pois a possibilidade de conviver com a diversidade quebra paradigmas e rompe barreiras.

Seguindo o pensamento de Nuernberg (2009), exposto acima, acerca do conhecimento como mudança de percepção e facilitador de inclusão de pessoas com deficiência, na sequência, apresentam-se os depoimentos de cada uma das autoras em relação às experiências e ao aprendizado adquiridos através da realização desse projeto e ao longo da formação acadêmica, mencionando o reflexo disso na vida profissionais. Assim, a discente Fernanda Miguel pontua:

Poder participar da realização desse projeto causou mudanças em mim, tornando-me uma pessoa mais consciente, principalmente, na percepção do quanto eu posso contribuir com a sociedade e que a minha opinião/atitude pode fazer a diferença. Quando pensamos em abordar a inclusão de pessoas com deficiência em eventos eu, sinceramente, acreditava que somente as acessibilidades arquitetônicas para a pessoa com deficiência bastavam. Hoje, acredito que inclusão atitudinal é o diferencial. Acredito que quando pudermos modificar nossas atitudes para com as pessoas com deficiência e perceber suas necessidades, a vida em sociedade será mais justa. Hoje eu não consigo sair, ver algumas situações e não me importar. Posso não mudar o mundo, mas quero, ao menos, fazer a diferença. Essa nova postura, certamente, foi alavancada ao longo desses 3 anos da minha graduação. Foram aprendizados intensos e constantes que, somados às contribuições proporcionadas por esse trabalho, refletem positivamente na minha vida profissional. (FERNANDA MIGUEL DE AQUINO, formanda do Curso Superior de Tecnologia em Secretariado da UFPR, 2017).

Katia Regina faz a seguinte assertiva:

A realização do trabalho sobre inclusão de pessoas com deficiência em eventos trouxe-me, em especial, uma nova maneira de enxergar a vida. Possibilitou-me um olhar mais atento às pessoas com deficiência, que nem sempre são percebidas e/ou acolhidas. Essa nova percepção e a oportunidade de aprender com esse trabalho aliadas a tantos outros aprendizados, igualmente importantes ao longo dos três anos cursando Tecnologia em Secretariado, proporcionou-me experiências extremamente marcantes na minha vida pessoal e profissional. Minhas habilidades e competências profissionais apresentaram grande diferença quando pude empregar o entendimento teórico e técnico adquiridos na graduação. A convivência com os professores além da sala de aula, a interação com as colegas do curso e a chance de conhecer e aprender com o Lucas Rodrigues e o Wagner Bitencourt, os entrevistados desse projeto, resultaram novos conhecimentos, fazendo uma mudança significativa no meu modo de agir e pensar, agregando-me novos valores. (KATIA REGINA DA SILVA CAMISA, formanda do curso Superior de Tecnologia em Secretariado da UFPR, 2017).

Maria Antonia declara:

Quando despertou em mim o interesse em entender sobre a participação de pessoas com deficiências em eventos, não pensei que esse tema pudesse conduzir-me por caminhos tão abrangentes e tão despercebidos. As reações de surpresa, admiração e incentivo de cada pessoa com quem eu compartilhei o tema desse projeto, foram gratas satisfações em que saber que estávamos na direção certa, que havia espaço para pesquisar sobre o tema e a necessidade de torná-lo público, no sentido de despertar as pessoas sobre esse assunto. Compreendi que só quem sente na carne as barreiras de atitude sabe o quão difícil é poder participar de um evento em igualdade de inclusão. Ter vivenciado a impotência do não saber agir diante de uma pessoa com deficiência, fez-me compreender que a informação e conhecimento são ferramentas valiosas. O Curso de Tecnologia em Secretariado possibilitou-me planejar, organizar e executar vários eventos, mas abordar esse tema e realizar esse projeto, possibilitou um olhar holístico e mais atento à inclusão de todos os públicos em eventos, principalmente as pessoas com deficiência. E a vida profissional e acadêmica se engrandecem quando se alia conhecimento e capacidade de interação, são novos horizontes que se abrem. Muita gratidão por essa oportunidade. (MARIA ANTONIA BAGGIO COPPI, formanda do Curso Superior de Tecnologia em Secretariado da UFPR, 2017).

Por fim, além das contribuições já relatadas, esse trabalho visa o despertar das pessoas para a necessidade de saber fazer a inclusão de pessoas com deficiência em eventos de qualquer tipificação, visto que não bastam os recursos de acessibilidade se a capacidade de interação não existir. Não basta ter acesso aos eventos se a participação ficar relegada a um canto; isso é integração e não inclusão. Os recursos de acessibilidade não “falam” por si só, é essencial o elemento humano, a capacidade de enxergar o outro como ser humano e prestar o auxílio necessário e na forma correta.

REFERÊNCIAS

ANDRÉS, A. **Pessoas com deficiência nos censos populacionais e educação inclusiva**. Brasília: Consultoria Legislativa – Câmara dos Deputados, 2014. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/estudos-e-notas-tecnicas/areas-da-conle/tema11/2014_14137.pdf>. Acesso em 16 nov.2017.

BRASIL. Decreto Federal Nº 5.296/2004. **Casa Civil da Presidência da República**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF. 02 dez. 2004. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em 21 out 2017.

BRASIL. Decreto Federal Nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Casa Civil Da Presidência Da República**. Brasília, DF. 25 ago. 2009a. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm>. Acesso 21 mai. 2017.

BRASIL. Lei Federal Nº 11.126, de 27 de junho de 2005. Dispõe sobre o direito do portador de deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. **Casa Civil Da Presidência Da República**. Brasília, DF. 27 jun. 2005. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11126.htm>. Acesso em 28 out.2017.

BRASIL. Lei Federal Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Casa Civil Da Presidência Da República**. Brasília, DF. 6 de julho de 2015. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso 21 mai. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. O SUS de A a Z: Garantindo a Saúde nos Municípios/Ministério da Saúde, Conselho Nacional dos Secretários Municipais de Saúde –3ed – Brasília, 2009b. Disponível em <<http://portalquivos.saude.gov.br/images/pdf/2013/agosto/28/sus-3edicao-completo-190911.pdf>>. Acesso em 19 nov. 2017.

BRASIL. Portaria Nº 2.344, de 3 de novembro de 2010. **Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos** dá publicidade a Resolução nº 01, de 15 de outubro de 2010, do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência - CONADE, que altera a forma como as pessoas com deficiência devem ser tratadas, segundo seu Regimento Interno. DOU de 05/11/2010 (nº 212, Seção 1, pág. 4. Brasília, DF. 3 nov. 2010. Disponível em <

<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/21770156/pg-4-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-05-11-2010>>. Acesso em 23 out. 2017.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Fundação de Ação Social. (FAS). **Como você deve se comportar diante de uma pessoa com deficiência**. Prefeitura de Curitiba. 2ª Ed. Curitiba. 2004.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Fundação de Ação Social. (FAS). **O agir e a atitude diante de pessoa com deficiência: noções básicas**. Prefeitura de Curitiba. Curitiba. 2013.

DUARTE, V. M. do N. **Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2012. Disponível em <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>>. Acesso em 09 nov. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Cartilha do Censo 2010, Pessoas com Deficiência**. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília: SDH-PR/SNPD. 2012. 32p. Disponível em <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em 08 jun. 2017.

INSTITUTO PARANAENSE DE CEGOS - IPC. **Informativo: Área da Deficiência Visual, Noções gerais sobre como se relacionar com pessoas com deficiência visual**, Curitiba, 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em <https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acesso em 29 out. 2017.

MATARAZZO, C. **Vai encarar? A nação (quase) invisível de pessoas com deficiência**. 1ª Ed. São Paulo: Melhoramentos. 2009.

NEIVA, E. G.; D'ELIA, M. E. S. **As Novas Competências do Profissional de Secretariado**. 2 ed. São Paulo: IOB, 2009.

NUERNBERG, A. H. **Rompendo barreiras atitudinais no contexto do ensino superior**. 2009. In A. A. Anache, & L. R. Silva (Orgs.), Educação Inclusiva: experiências profissionais em psicologia (p. 153-166). Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia. Disponível em <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/16_06_2011_8.42.43.47dc3016138057668971bf9d26fe5d41.pdf>. Acesso em 16 nov. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS – Committee On The Rights Of Persons With Disabilities. **Convention on the Rights of Persons with Disabilities**. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Nova York: ONU, 13 dez. 2006. Disponível em

<<http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/CRPD/Pages/ConventionRightsPersonsWithDisabilities.aspx>>. Acesso em 21 out. 2017.

PONTE, A. S.; SILVA, L. C. da. **A acessibilidade atitudinal e a percepção das pessoas com e sem deficiência**. In Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 23, n. 2, p. 261-271, 2015. Disponível em <www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br>. Acesso em 14 nov. 2017.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Cartilha de orientação para o atendimento a pessoas com deficiência**. Rede de Reabilitação Lucy Montoro. São Paulo 2017. Disponível em <file:///D:/MARIA%20ANTONIA/TCC%20Pesquisa/CARTILHA_ATENDIMENTO_PESSOA_COM_DEFICIENCIA_AUREAEDITORIA-1.pdf>. Acesso em 21 out.2017.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Guia de acessibilidade em Eventos**. São Paulo 2012. Disponível em <https://www.portal.ufpr.br/guia_acessibilidade_eventos.pdf>. Acesso em 20 maio 2017.

SASSAKI, R.K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In: **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, ano V, n. 24, jan./fev. 2002 - 2011, p. 6-9. NOTA: versão atualizada em 2011. (Disponível em <<http://www.ocuidador.com.br/imgs/utilidades/terminologia-50aa23697289a.pdf>>. Acesso 21 out. 2017.

SASSAKI, R.K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In: **VIVARTA, Veet (org.). Mídia e Deficiência**. Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância / Fundação Banco do Brasil, 2003, p. 160-165. Disponível em <http://www.andi.org.br/sites/default/files/Midia_e_deficiencia.pdf>. Acesso em 21 out. 2017.

TEIXEIRA, A. M.; GUIMARÃES, L. Vida revirada: deficiência adquirida na fase adulta produtiva. In. **Rev. Mal-Estar Subj.** v.6 n.1 Fortaleza mar. 2006. Versão On-line ISSN 2175-3644. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100010>. Acesso em 16 nov. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **A Universidade – Histórico**. Disponível em <<http://www.ufpr.br/portalufpr/historico-2/>>. Acesso em 24 out. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). Setor de Educação Profissional e Tecnológica (SEPT). **O Setor/Historia**. Disponível em <<http://www.sept.ufpr.br/portal/>>. Acesso em 24 out.2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **Notícias**: UFPR compra terreno em Piraquara.

Superintendência de Comunicação Social 24 abr 2014^a. Disponível em <<http://www.ufpr.br/portaIufpr/blog/noticias/ufpr-em-expansao/>>. Acesso em 24 out. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). Setor de Educação Profissional e Tecnológica (SEPT). **Projeto Pedagógico Do Curso Superior de tecnologia em Secretariado**. 2014b. Disponível em <http://200.17.200.17/wa_files/TSE_20-20PPP_20-202015.pdf>. Acesso em 24 out. 2017.

ZANELLA, Luiz Carlos. **Manual de organização de eventos**. São Paulo: editora Atlas S.A., 4^a edição, 2008.

APÊNDICES

Apêndice A – Carta Aceite



CARTA ACEITE DE IMPLANTAÇÃO DE PROJETO

Declaramos, para os devidos fins, que concordamos em disponibilizar os setores responsáveis pela organização e realização de eventos desta Instituição, para a execução de atividades referentes ao Projeto Multidisciplinar, intitulado: **INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS EM EVENTOS SOCIAIS OU CORPORATIVOS ORGANIZADOS PELA EMPRESA LAC PRODUÇÕES E EVENTOS**, que será desenvolvido pelas alunas Fernanda Miguel de Aquino, Kátia Regina da Silva Camisa e Maria Antonia Baggio Coppi, sob a orientação do Professor Dr. Paulo Eduardo Sobreira Moraes, do Curso de Tecnologia em Secretariado, da Universidade Federal do Paraná, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Curitiba, 05 de maio de 2017.



LAC Produções e Eventos
CNPJ 24.945.005/0001-55
Luan Aurélio Catarina
CPF: 075.808.379-35

Endereço Completo:

Rua Agudos Do Sul, 928 - Afonso Pena - São José Dos Pinhais/PR

Contato:

(41) 99203-6777
E-mail: contato@laceventos.com
Site: www.laceventos.com.br
Facebook/[laceventos](https://www.facebook.com/laceventos)
Instagram [@laceventos](https://www.instagram.com/laceventos)

Apêndice B – Roteiro das Entrevistas

ENTREVISTA PESSOAL (SEMIESTRUTURADA) – PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Entrevistado: _____

Local da entrevista: _____

Data: ____/____/____ Hora: _____

1. Sobre a inclusão em eventos, na sua graduação você participa/participava de eventos?
2. Como foi a sua inclusão nesses eventos?
3. Você realmente participava?
4. Como obtinha conhecimento desses eventos? Como chegava para você essa informação?
5. Tinha acesso físico a esses eventos?
6. Quem lhe ajudava a ter acesso aos eventos?
7. A inscrição para participar de um evento minimiza os problemas de interação entre pessoas não deficientes e pessoas com deficiência?
8. O processo de inscrição deve ser acessível, precisa de um processo específico para fazer a inscrição?
9. Traz segurança para você quando o evento tem inscrição com identificação das pessoas com deficiência?
10. Você participaria mais de eventos se houvesse pessoas capacitadas para recepcioná-lo?
11. A recepção em um evento feita por pessoas capacitadas lhe deixaria mais confortável, mais seguro?
12. Você não se importa que as pessoas lhe ofereçam auxílio durante um evento? Como ela tem que agir, qual seria a forma?
13. Você não participa da Semana Acadêmica do seu curso de graduação por uma opção sua ou por essa dificuldade realmente de ser integrado?
14. Observando os eventos realizados no SEPT, percebe-se que a maioria deles é localizada no auditório grande e a recepção fica lá embaixo. Você tem dificuldade de chegar até lá?

15. O piso tátil ajudaria? Você saberia para qual o lado deveria ir?
16. Você conhece o recurso da audiodescrição?
17. Esses recursos ajudariam a descrever o ambiente, mesmo dependendo de terceiros?
18. A audiodescrição facilitaria bastante a compreensão e participação no evento?
19. Com a audiodescrição você está recebendo duas informações ao mesmo tempo, isso poderia virar uma poluição sonora?
20. Em um evento, a utilização de som (sonorização) dificulta para o deficiente visual já que ele tem a sensibilidade auditiva mais aguçada? Isso acontece?
21. Normalmente nos eventos têm *coffee breaks*, comida etc. Como proceder no auxílio a um deficiente visual em uma situação como essas?
22. Você falou das pessoas que fazem muito debate, muito seminário para discutir políticas de inclusão. As pessoas com deficiência participam realmente desses eventos, ou ficam como objetos de estudo?
23. Nos eventos que discutem as políticas de inclusão, eles estão preparados para atender a pessoa com deficiência?
24. O uso do método braille é um facilitador? Nem todos os deficientes visuais são alfabetizados em braille?
25. O acolhimento é tão ou mais importante que os recursos tecnológicos?
26. A combinação de tecnologia facilita muita coisa para o deficiente visual?
27. Faça suas considerações sobre o tema apresentado: inclusão de pessoas com deficiência em eventos.

Apêndice C – Questionário

Questionário para Levantamento de dados - Inclusão de Pessoas com Deficiência em Eventos - TCC

Público alvo: Alunos dos cursos de Tecnologia em Secretariado, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas – TADS, Tecnologia em Produção Cênica e Tecnologia em Negócios Imobiliários.

1) Recordando todos os eventos que você já participou, sejam eles sociais, acadêmicos ou corporativos, você notou a presença de pessoa (s) com deficiência nesses eventos?

- a) sim b) não c) não prestei atenção nisso

2) Caso afirmativo, essa (s) pessoa (s) com deficiência foi/foram efetivamente acolhida (s) e participou/participaram ativamente (interagiu/interagiram) nesse evento?

- a) sim b) não c) não prestei atenção nisso

3) Caso afirmativo, quem promoveu esse acolhimento (inclusão)?

- a) Familiares b) A equipe organizadora do evento c) Amigos d) Outros

4) Você, à frente da organização de um evento ou trabalhando em um, saberia como acolher corretamente uma pessoa com deficiência, sem causar constrangimentos?

- a) sim b) não

Apêndice D – Fotos Dos Eventos (Base Para os Estudo de Casos)

Coquetel e Etiqueta à Mesa



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

III Seminário de Tecnologia e Dignidade Humana



Fonte: OAB/PR

Feira de Cursos e Profissões UFRP 2017



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Apêndice E– Convite para Responder Pesquisa (Depoimento)

Maria Antonia <reimagio@yahoo.com.br>
Para xxxle@gmail.com
CC Katia Regina Da Silva Camisa Nanda Myguel
Nov. 10 em 8:48 PM

Olá, Professor M., boa noite.

Sou Maria Antonia Baggio Coppi, aluna da Professora Fernanda, no curso de Tecnologia em Secretariado. Tomei a liberdade de enviar-lhe um e-mail, pois, não sabendo dos seus horários, não quis incomodá-lo. Porém, se preferir, pode nos responder por telefone.

Como já sabe, estamos desenvolvendo nosso TCC sobre a inclusão de pessoas com deficiência em eventos, principalmente em eventos acadêmicos. Nossa abordagem é quanto ao aspecto atitudinal; o como lidar e acolher efetivamente um deficiente em um evento, mais especificamente os deficientes visuais, por termos vivenciado essa situação.

Conversando com a Professora Fernanda, ela nos passou a sua disposição em colaborar conosco, pelo que, antecipadamente, agradecemos muitíssimo.

Nossas perguntas para o senhor são:

1) No III Seminário de Tecnologia e Dignidade Humana, em 15 e 16 de maio, tivemos um adolescente cego na plateia, e o senhor foi o único palestrante que não utilizou o recurso de projeção de imagem ou texto. O senhor tinha conhecimento prévio da presença desse aluno cego?

2) Qual a sua percepção sobre a participação de pessoas com deficiência, principalmente os deficientes visuais, em eventos? (No sentido do acolhimento)

3) Nos eventos em que o senhor participa, os organizadores estão atentos e preparados para esse tipo de inclusão atitudinal?

Se tiver algo mais a acrescentar, será muito bem-vindo. Temos ciência que esse tema é bastante complexo e demanda um aprofundamento na pesquisa, mas infelizmente não dispomos desse tempo. Contudo, se conseguirmos despertar as pessoas não deficientes (nem que seja apenas algumas) para essa questão, já terá valido a pena. Quem sabe, futuramente, possamos dar continuidade a esse trabalho.

Agradecendo sua atenção e colaboração, aguardamos retorno.

Maria Antonia e equipe.

Resposta:

xxxxxxx@gmail.com>
Para Maria Antonia
CC Katia Regina Da Silva Camisa Nanda Miguel
Nov. 13 em 10:51 AM

Prezad@s,

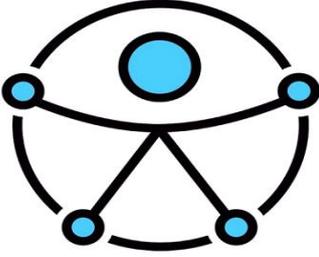
Peço desculpas pela demora em responder, segue no corpo do texto original algumas contribuições.

Atenciosamente,

Prof. M.J.V.

Apêndice F – Manual com Dicas para Lidar com Deficientes Visuais – Folheto 3 dobras

Parte externa:

<p>Considerações: As ações propostas nessa compilação visam derrubar as barreiras atitudinais do medo, do preconceito, da insegurança e discriminações. Porquanto eliminar esses sentimentos e atitudes demonstra respeito, empatia, sensibilidade, conscientização e humanidade. Colocar estas ações em prática requer apenas boa vontade, busca de informações e aprendizado.</p>  <p>novos símbolos da acessibilidade - ONU</p> <p>Nota: Este material foi desenvolvido pelas alunas do Curso Superior de Tecnologia em Secretariado da UFPR como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – “Inclusão de Pessoas com Deficiência em Eventos Sociais ou Corporativos: Estudos de Casos na Prática Acadêmica”</p>	<p>Fontes de Consulta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fundação de Ação Social (FAS), Curitiba/PR: “Como você deve se comportar diante”; “O agir e a atitude diante de pessoa com deficiência: noções básicas”. • Instituto Paranaense de Cegos (IPC) /PR: “Área da Deficiência Visual, Noções gerais sobre como se relacionar com pessoas com deficiência visual”. • Imagens: Figura - Instituto de Cegos da Bahia (ICB), New Symbol of Accessibility - http://oneworld.expert 	<h2 style="text-align: center;">GUIA ATITUDINAL PARA LIDAR COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL - NOÇÕES BÁSICAS -</h2> 
--	---	--

Parte Interna:

<ul style="list-style-type: none"> • Oferecer ajuda sempre que uma pessoa cega parecer necessitar, mas não ajudar sem que ela concorde. Evite tocá-la. • Sempre perguntar antes de agir. Se não souber em que e como ajudar, pedir ao próprio deficiente visual, explicações de como fazê-lo. • Para guiar uma pessoa cega, não a empurre ou puxe-a pelo braço; basta deixá-la segurar seu braço, que o movimento do seu corpo lhe dará a orientação de que ela precisa. Nas passagens estreitas, tome a frente e deixe-a colocar a mão dela em seu ombro, para segui-lo. • Ao guiar uma pessoa cega, à medida que encontrar degraus, meios fios e outros obstáculos, esses devem ser mencionados, indicando inclusive as distâncias em metros ou em passos e as direções como esquerda e direita (p.ex. “uns vinte metros para frente ou à direita”). • Ao entrar num recinto onde encontra-se uma pessoa com deficiência visual, identifique-se para dar ciência da sua chegada. Ao sair, o procedimento de aviso também deve ser o mesmo, para que ela não continue conversando, achando que você ainda está no ambiente. • Na presença de pessoa com deficiência visual não é necessário evitar expressões como “veja” e “olhe”. Os deficientes visuais também as usam naturalmente. • Ao explicar direções para uma pessoa cega, seja o mais claro e específico possível. 	<ul style="list-style-type: none"> • Para ajudar um deficiente visual a se sentar, deve-se guiá-lo até a cadeira e colocar a sua mão sobre o encosto da mesma, informando se esta tem braços ou não, a partir daí, deixar que ele se sente por conta própria. • Não trate a pessoa com deficiência visual com piedade ou como se ela fosse criança ou extremamente incapacitada. Trate-a com cordialidade, como alguém capaz de participar da vida em todos os sentidos e ofereça ajuda se necessário. • Devido à impossibilidade de contato visual, quando for interagir com uma pessoa cega ou com baixa visão, chame-a pelo nome e/ou identifique-se; faça-se perceber que está falando com ela, dando um leve toque em seu ombro. • Quando conversar com um deficiente visual sobre coisas que lhe dizem respeito, mesmo que ele esteja acompanhado, dirija-se diretamente a ele, e não ao seu acompanhante. • Um dos principais recursos utilizados por deficientes visuais para uma vida mais independente é utilização da bengala, com a qual eles localizam os obstáculos existentes na sua trajetória. Assim, sendo um instrumento de uso pessoal, jamais a bengala deve ser retirada do controle de seu usuário. • Outro recurso de locomoção que vem sendo utilizado é o cão-guia. Este, pela Lei Nº 11.126/2005, pode ingressar e permanecer ao lado do deficiente visual em qualquer ambiente de uso coletivo público ou privado, e isso vale também 	<p>para os eventos. Se o cão guia estiver usando o arreio (uma coleira especial para esse tipo de atividade), não se deve fazer-lhe afagos ou dar-lhe comida, pois ele entenderá isso como “não estar mais a trabalhar” e se desconcentrará da sua missão de guiar. O correto é oferecer-lhe apenas água.</p> <ul style="list-style-type: none"> • É preciso tomar cuidado com o gesto de estender a mão para fazer o tradicional cumprimento. Para evitar constrangimento tanto da parte da pessoa cega ou com baixa visão, quanto da parte das demais pessoas, basta ficar atento ao movimento da pessoa que não enxerga para respondê-la adequadamente com o cumprimento. Caso o desejo seja cumprimentá-la com o gesto de estender a mão, basta aproximar-se dela, identificando-se e tocá-la levemente, logo ela entenderá a intenção. • A pessoa com deficiência visual tende a potencializar o desenvolvimento de outros sentidos, como o olfato e a audição, portanto, converse com a pessoa cega com tom de voz normal. • Para auxiliar um deficiente visual em eventos com <i>buffet</i> ou <i>coffee break</i>, leia ou descreva o cardápio ou as opções de comida e bebidas disponíveis. Se for necessário, ofereça-se para fazer-lhe o prato com as comidas, dispondo-as de acordo com as horas do relógio e informe o que está em cada lugar. Se for uma refeição e a comida for servida em pedaços grande, ofereça-se para cortá-los, mas só o faça se o deficiente visual aceitar a ajuda. <p>Não tenha medo em lidar com o deficiente visual, o importante é agir com naturalidade.</p>
---	---	---

Fonte: Elaborado pelas autoras. (2017)

Apêndice G – Manual com Dicas para Lidar com Deficientes Visuais - Livroto

GUIA ATITUDINAL PARA LIDAR COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

NOÇÕES BÁSICAS



Oferecer ajuda sempre que uma pessoa cega parecer necessitar, mas não ajudar sem que ela concorde. Evite tocá-la.

Sempre perguntar antes de agir. Se não souber em que e como ajudar, pedir ao próprio deficiente visual, explicações de como fazê-lo.

Para guiar uma pessoa cega, não a empurre ou puxe-a pelo braço; basta deixá-la segurar seu braço, que o movimento do seu corpo lhe dará a orientação de que ela precisa. Nas passagens estreitas, tome a frente e deixe-a colocar a mão dela em seu ombro, para segui-lo.

Ao guiar uma pessoa cega, à medida que encontrar degraus, meios fios e outros obstáculos, esses devem ser mencionados, indicando inclusive as distâncias em metros ou em passos e as direções como esquerda e direita (p.ex. "uns vinte metros para frente ou à direita").

Ao entrar num recinto onde encontra-se uma pessoa com deficiência visual, identifique-se para dar ciência da sua chegada. Ao sair, o procedimento é o mesmo, para que ela não continue conversando, achando que você ainda está no ambiente.

Na presença de pessoa com deficiente visual não é necessário evitar expressões como "veja" e "olhe". Os deficientes visuais também as usam naturalmente.



Ao explicar direções para uma pessoa cega, seja o mais claro e específico possível.

Um dos recursos de locomoção que vem sendo utilizado é o cão-guia. Este, pela Lei nº 11.220/2006 (BRASIL, 2006), pode ingressar e permanecer ao lado do deficiente visual em qualquer ambiente de uso coletivo público ou privado, e isso vale também para os veículos.

Se o cão-guia estiver usando o amolho (uma colônia especial para esse tipo de atividade), não se deve fazer barulho ou fazer comentários para ele entender isso como "não está mais à disposição" e se reconcentrará de sua missão de guiar. O mesmo é observado se apenas água.

Para ajudar um deficiente visual a se sentar, deve-se guiá-lo até a cadeira e colocar a sua mão sobre o encosto da mesma, informando se esta tem braços ou não, a partir daí, deixar que ele se sente por conta própria.

Devido à impossibilidade de contatá-lo visualmente, quando for interagir com uma pessoa cega ou com baixa visão, chame-a pelo nome ou identifique-se; faça-se perceber que está falando com ela, dando um leve toque em seu ombro.

Não trate a pessoa com deficiência visual com piedade ou como se ela fosse criança ou extremamente incapacitada. Trate-a com cordialidade, como alguém capaz de participar da vida em todos os sentidos e ofereça ajuda se necessário.

Para auxiliar um deficiente visual em eventos com buffet ou coffee break, leia ou descreva o cardápio ou as opções de comida e bebidas disponíveis. Se for necessário, ofereça-se para fazer-lhe o prato com as comidas, dispondo-as de acordo com as horas do relógio e informe o que está em cada lugar. Se for uma refeição e a comida for servida em pedaços grande, ofereça-se para cortá-los, mas só o faça se o deficiente visual aceitar a ajuda.

A pessoa com deficiência visual tende a potencializar o desenvolvimento de outros sentidos, como o olfato e a audição, portanto, converse com a pessoa cega com tom de voz normal.

Não tenha medo em lidar com o deficiente visual, o importante é agir com naturalidade.

Quando conversar com um deficiente visual sobre coisas que lhe dizem respeito, mesmo que ele esteja acompanhado, dirija-se diretamente a ele, e não ao seu acompanhante.

Um dos principais recursos utilizados por deficientes visuais para uma vida mais independente é utilização da bengala, com a qual eles localizam os obstáculos existentes na sua trajetória. Assim, sendo um instrumento de uso pessoal, jamais a bengala deve ser retirada do controle de seu usuário.



Para auxiliar um deficiente visual em eventos com buffet ou coffee break, leia ou descreva o cardápio ou as opções de comida e bebidas disponíveis. Se for necessário, ofereça-se para fazer-lhe o prato com as comidas, dispondo-as de acordo com as horas do relógio e informe o que está em cada lugar. Se for uma refeição e a comida for servida em pedaços grande, ofereça-se para cortá-los, mas só o faça se o deficiente visual aceitar a ajuda.

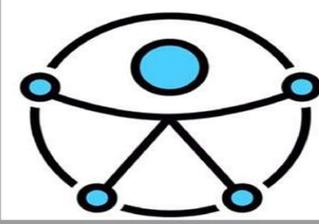
A pessoa com deficiência visual tende a potencializar o desenvolvimento de outros sentidos, como o olfato e a audição, portanto, converse com a pessoa cega com tom de voz normal.

Não tenha medo em lidar com o deficiente visual, o importante é agir com naturalidade.

É preciso tomar cuidado com o gesto de estender a mão para fazer o tradicional cumprimento. Para evitar constrangimento tanto da parte da pessoa cega ou com baixa visão, quanto da parte das demais pessoas, basta ficar atento ao movimento da pessoa que não enxerga para respondê-la adequadamente com o cumprimento. Caso o desejo seja cumprimentá-la com o gesto de estender a mão, basta aproximar-se dela, identificando-se e tocá-la levemente, logo ela entenderá a intenção.



Considerações:
As ações propostas nessa compilação visam derrubar as barreiras atitudinais do medo, do preconceito, da insegurança e discriminações. Porquanto eliminar esses sentimentos e atitudes demonstra respeito, empatia, sensibilidade, conscientização e humanidade. Colocar estas ações em prática requer apenas boa vontade, busca de informações e aprendizado.



novo símbolo da acessibilidade - ONU

Fontes de Consulta:
Fundação de Ação Social (FAS), Curitiba/PR;
"Como você deve se comportar diante";
"O agir e a atitude diante de pessoa com deficiência: noções básicas".
Instituto Paranaense de Cegos (IPC)/PR;
"Área da Deficiência Visual, Noções gerais sobre como se relacionar com pessoas com deficiência visual".
Imagens: Figura - Instituto de Cegos da Bahia (ICBI).
New Symbol of Accessibility - <http://oneworld.expert>

Apêndice H – Pré-Projeto

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM SECRETARIADO**

**INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM EVENTOS SOCIAIS OU
CORPORATIVOS ORGANIZADOS PELA EMPRESA LAC PRODUÇÕES E
EVENTOS**

CURITIBA

2017

Fernanda Miguel de Aquino
Kátia Regina da Silva Camisa
Maria Antonia Baggio Coppi

**INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM EVENTOS SOCIAIS OU
CORPORATIVOS ORGANIZADOS PELA EMPRESA LAC PRODUÇÕES E
EVENTOS**

Trabalho apresentado à disciplina de Metodologia de Pesquisa, do Curso Superior de Tecnologia em Secretariado, 5º período, como avaliação final do semestre.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Eduardo Sobreira Moraes.

CURITIBA

2017

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: RESULTADO CENSO 2010 - “CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POPULAÇÃO, RELIGIÃO E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA”	68
FIGURA 2: QUADRO RESUMO DA EMPRESA LAC – CNPJ.....	70

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	67
1.1 PROJETO MULTIDISCIPLINAR.....	67
1.2 TEMA.....	67
1.3 EVENTOS, ETIQUETA E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	68
2. ANÁLISE DO AMBIENTE.....	71
2.1 ORGANOGRAMA	72
2.2 MISSÃO.....	73
2.3 VISÃO	73
2.4 VALORES	73
3. QUESTÃO NORTEADORA.....	74
4. OBJETIVO GERAL.....	74
4.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	74
5. DIAGNOSE.....	75
6. PROGNOSE	75
7. METODOLOGIA	76
8. CRONOGRAMA.....	77
REFERÊNCIAS.....	78
CARTA DE ACEITE.....	80
APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO	81

1. INTRODUÇÃO

1.1 PROJETO MULTIDISCIPLINAR

O Projeto Multidisciplinar, base para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é uma atividade realizada anualmente pelos acadêmicos do 5º período do Curso de Superior de Tecnologia em Secretariado da Universidade Federal do Paraná (UFPR), dentro da disciplina de Metodologia de Pesquisa, sob a orientação do Professor Dr. Paulo Eduardo Sobreira Moraes. Dentro do projeto, cada grupo de alunos escolhe um tema relacionado a uma disciplina do curso e, a partir daí e se necessário, outros professores poderão ser convidados para orientá-los. Este trabalho, especificamente, cujo tema é "Inclusão de Pessoas com Deficiência em Eventos Sociais ou Corporativos Organizados pela Empresa LAC Produções e Eventos", e doravante chamado Projeto Multidisciplinar Inclusão de Pessoas com Deficiência em Eventos Sociais ou Corporativos Organizados pela Empresa LAC Produções e Eventos – de agora em diante tratada somente por LAC, a orientação ficou a cargo da Professora Mestra Eliana Maria Ieger, com avaliação final do Professor Dr. Paulo Eduardo Sobreira Moraes.

1.2 TEMA

A escolha temática partiu do interesse das acadêmicas, responsáveis por este trabalho, em assuntos relacionados à eventos e, também, face às observações feitas da necessidade de se compreender os procedimentos de inclusão de pessoas com deficiência em eventos sociais ou corporativos.

Nesse sentido, faz-se necessário, primeiramente, entender o conceito de inclusão social. Sobre isso, Sasaki (2009) apresenta a seguinte afirmação:

Inclusão, como um paradigma de sociedade, é o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana - composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações. (SASSAKI, 2009, p.1).

Partindo dessa assertiva, a inclusão de pessoas com deficiência está contemplada na inclusão social e ganha contornos importantes que merecem ser estudados para melhor acolhimento dessa população. Glat et al. (2011), ao referir-se aos princípios básicos da Filosofia da Normalização da Educação – e que seguramente pode ser aplicado ao cotidiano das pessoas com deficiência, menciona que elas têm o direito de desfrutar das condições de vida na comunidade onde vivem, participando das mesmas atividades sociais, culturais e educacionais que os demais; e isso inclui participar de eventos sociais ou corporativos, ampliando-lhes a qualidade de vida.

1.3 EVENTOS, ETIQUETA E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Para contextualizar o presente projeto, apresenta-se a conceituação de evento. Segundo Zanella (2008), evento é um acontecimento de caráter formal e solene, envolvendo pessoas e ou entidades, que ocorre em data e local pré-estabelecidos, com objetivo comum de celebrar fatos importantes e significativos de natureza comercial, cultural, esportiva, social, familiar, religiosa, científica etc. Depreende-se dessa definição que espetáculo, comemoração, competições, casamentos, aniversários, festas diversas, palestras, convenções, feiras, congressos, dentre vários outros tipos de acontecimentos podem ser classificados como eventos.

O processo de produção de um evento demanda várias etapas e uma sequência de atividades cronológicas até sua efetivação e avaliação final, o chamado pós-evento. Desse modo, a realização de eventos exige profissionais altamente qualificados para exercer as funções de planejamento, organização e execução. Esta capacitação também é muito importante aos Profissionais de Secretariado, uma vez que, pelas suas atribuições profissionais multifuncional e polivalente poderão estar à frente de todo o processo de produção de eventos, principalmente os eventos corporativos. (NEIVA; D'ELIA, 2009).

Outra consideração a ser feita quando se fala em eventos são as regras de etiqueta que norteiam esses momentos. Azevedo (2005, p.1) define etiqueta como “regras de comportamento, que nos auxiliam a ter uma postura condizente com o ambiente e a ocasião”. Entende-se, portanto, que essas regras vão da polidez no trato

entre pessoas aos ritos de procedimentos em momentos específicos. Esse entendimento é corroborado por Andrade (2006), na seguinte afirmação:

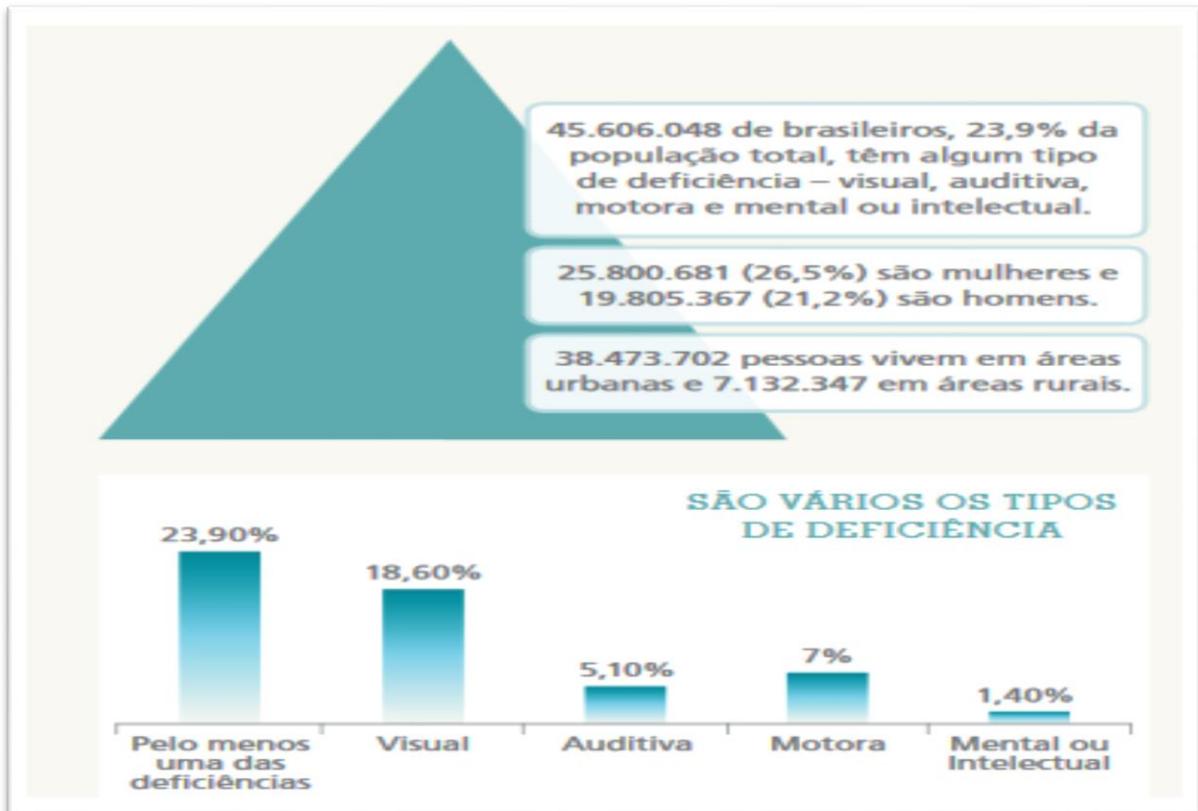
Etiqueta significa boas maneiras, podendo ainda referir-se a hábitos e atitudes de pessoas bem-educadas. Em alguns momentos, porém, o termo envolve o conceito de hábitos do cerimonial, ou aquelas regras a serem cumpridas em cerimônias oficiais. Ou, simplesmente, normas de comportamento ou conduta. (ANDRADE, 2006, p.9)

Dessa forma, ao considerar ambiente; ocasião; hábitos; gestos; modos de falar; atitudes e visual adequado, percebe-se um leque com os mais variados tipos de etiqueta: etiqueta à mesa, etiqueta em viagens; etiqueta nas relações profissionais e no ambiente de trabalho; etiqueta em eventos sociais; etiqueta em cerimônias oficiais; etiqueta em funeral etc., cada uma com suas especificações e normas próprias de etiqueta.

Falar em eventos e etiqueta, é forçoso falar de um dos aspectos essenciais a ser considerado na produção de um evento: o público alvo, uma vez que ele é a razão direta para as quais eventos e etiqueta estão direcionados. O Projeto Multidisciplinar Inclusão de Pessoas com Deficiência em Eventos Sociais ou Corporativos Organizados pela LAC Produções e Eventos coloca sua atenção nas pessoas com deficiência, por reconhecer trata-se de um público bastante expressivo, como apontam os números a seguir, e que é pouco ou se quer é considerado nas etapas de realização de eventos ou na criação e aplicação das regras de etiquetas, gerando pouca ou nenhuma participação desse público nessas atividades.

Segundo aponta o Censo Demográfico realizado em 2010 e divulgado em 2012 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (IBGE, 2017), o número de pessoas com deficiência no Brasil é da ordem de 45,6 milhões, ou seja 23,9% da população brasileira possuem algum grau de deficiência, seja ela física, auditiva, visual, intelectual ou mental. Uma população tão expressiva, como mostra o quadro abaixo, necessita de instrumentos que lhes garantam seus direitos.

FIGURA 1: RESULTADO CENSO 2010 - “CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POPULAÇÃO, RELIGIÃO E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA”



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2017

Nesse sentido, o DECRETO Nº 6.949 da Presidência da República do Brasil, de 25 de agosto de 2009, ratificou a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em 2006, através do Comitê para os Direitos das pessoas com Deficiência, bem como seu Protocolo Facultativo. (BRASIL, 2017a). Esse documento, assinado pelo Brasil e por outros 172 países (ONU, 2017), em seu Artigo 1, dos propósitos, apresenta a seguinte definição para pessoas com deficiência:

[...] Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (ONU, 2006).²³

²³ Traduzido por Brasil (2017a)

Embora seja apresentado essa definição, no preâmbulo desse documento, item “e”, há o reconhecimento que a deficiência é um conceito em evolução.

[...] e) reconhecendo que a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. (ONU, 2006)²⁴.

Apesar das suas limitações, entende-se que pessoas com deficiência são cidadãos com os mesmos direitos de autonomia e usufruto das oportunidades disponíveis na sociedade. Segundo Portal Brasil (2016), uma das medidas de inclusão social deu-se através da Lei Federal nº 8.213/91, artigos 89 e 93, também conhecida como Lei de Cotas, que foi criada em 1992 para garantir às pessoas com deficiência a possibilidade de exercerem alguma atividade laboral, assim, empresas com mais de 100 funcionários são obrigadas a reservarem de 2% a 5% das vagas de seu quadro de efetivos para essas pessoas. Nesse mesmo viés, a Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015, sancionada pela Presidência da República, institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, o chamado Estatuto da Pessoa com Deficiência, assegurando direitos importantes para a inserção de pessoas com deficiência na sociedade como um todo. (BRASIL, 2017b).

Partindo das premissas acima apresentadas, e retomando a temática desse projeto, pode-se concluir que todo e qualquer profissional ligado ao planejamento, organização e execução de eventos deveria estar atento e ser conhecedor, não só das características gerais do público alvo abrangido, mas também das características particulares dos indivíduos que compõem esse público, mais especificamente os portadores de deficiência, que exigirão providências prévias e direcionadas para melhor atendê-los.

2. ANÁLISE DO AMBIENTE

Para a implantação do Projeto Multidisciplinar Inclusão de Pessoas com Deficiência em Eventos Sociais ou Corporativos, escolheu-se a LAC Produções e Eventos Ltda., situada em São José dos Pinhais/PR.

²⁴ Traduzido por Brasil (2017a)

FIGURA 2: QUADRO RESUMO DA EMPRESA LAC – CNPJ

 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA			
NÚMERO DE INSCRIÇÃO 24.945.005/0001-55 MATRIZ	COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL		DATA DE ABERTURA 06/06/2016
NOME EMPRESARIAL LUAN AURELIO C ATARINA 07580837935			
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) LAC PRODUCOES E EVENTOS			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL 82.30-0-01 - Serviços de organização de feiras, congressos, exposições e festas			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS Não informada			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 213-5 - Empresário (Individual)			
LOGRADOURO R AGUDOS DO SUL	NÚMERO 928	COMPLEMENTO CASA	
CEP 83.045-040	BAIRRO/DISTRITO AFONSO PENA	MUNICÍPIO SAO JOSE DOS PINHAIS	UF PR
ENDEREÇO ELETRÔNICO luanaurelio@hotmail.com		TELEFONE (41) 9203-6777	
ENTE FEDERATIVO RESPONSÁVEL (EFR) *****			
SITUAÇÃO CADASTRAL ATIVA		DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL 06/06/2016	
MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL			
SITUAÇÃO ESPECIAL *****		DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL *****	

Fonte: BRASIL. Ministério da Fazenda (2017) - Emitido dia 04/06/2017 às 00:04:31 (data e hora de Brasília).

A empresa LAC é especializada em organizar eventos sociais e corporativos. Seu trabalho é dividido em módulos, onde são oferecidos serviços de assessoria completa e cerimonial. Contudo, devido a característica desse seguimento de negócio, não há um local físico pré-determinado ou específico para a realização dos eventos, podendo ocorrer em espaços que atendam às necessidades de cada cliente e levando em consideração o tipo de cada evento.

2.1 ORGANOGRAMA

LAC Produções e Eventos Ltda. é uma empresa individual, administrada por Luan Aurélio Catarina, profissional de eventos desde 2013. Com formação específica

e especialização em planejamento e produção de eventos, ele atua nas mais diversas áreas da comunicação e eventos: planejamento de feira e congressos, gerenciamento de projetos, branding, comunicação interna, ações de relacionamento e eventos de todas as complexidades como feiras, congressos, shows e eventos corporativos e sociais.

Para desempenhar suas atividades, Sr. Luan trabalha com o sistema de intermediação de prestação de serviços, parcerias e terceirização, ficando com a responsabilidade de coordenar todas as equipes de prestadores de serviços envolvidos no processo de planejamento, organização e realização de eventos, bem como o contato direto com clientes que os contrata. Para isso busca cercar-se de profissionais capacitados para trabalhar com eficiência e eficácia. Todavia, não há organograma na empresa.

2.2 MISSÃO

A LAC não tem sistematizada sua missão, a qual poderia ser expressa por: LAC Produções e Eventos tem por missão fazer com que sonhos saiam do papel e se tornem momentos inesquecíveis na vida de seus clientes, através dos eventos que organiza, conforme se depreende de Lac (2017a) e Portal Casamentos.com.br (2017).

2.3 VISÃO

A LAC não tem sistematizada sua visão, a qual poderia ser expressa por: Ser reconhecida pela excelência na realização de eventos e superar positivamente as expectativas dos seus clientes de uma forma transformadora, com originalidade, requinte e sofisticação, conforme se depreende de Lac (2017a) e Portal Casamentos.com.br (2017).

2.4 VALORES

A LAC não tem sistematizado seus valores, os quais poderiam ser expressos por: Os valores da empresa LAC Produções e Eventos estão calcados no

comprometimento, ética, seriedade, dedicação e atuação colaborativa, conforme se depreende de Lac (2017a) e Portal Casamentos.com.br (2017).

3. QUESTÃO NORTEADORA

Um dos maiores objetivos dos profissionais de eventos, durante toda o processo de sua produção, é atender de forma positiva e impactante o público alvo, através de ações planejadas com antecedência e avaliando o perfil de cada público; a LAC faz parte do rol desses profissionais comprometidos com a qualidade do seu trabalho.

Nesse sentido, este Projeto Multidisciplinar é alicerçado na seguinte questão norteadora: Como acolher melhor as pessoas com deficiência em eventos sociais ou corporativos organizados pela LAC Produções e Eventos?

4. OBJETIVO GERAL

Analisar como é inserção de pessoas com deficiência em eventos sociais ou corporativos organizados pela LAC Produções e Eventos e oferecer propostas para melhor acolhê-los.

4.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Observar como ocorre a participação de pessoas com deficiência em eventos sociais ou corporativos de forma geral.
- Verificar como é, e se é aplicado os protocolos de acessibilidade que facilitem o acesso de pessoas com deficiência em eventos sociais ou corporativos organizados pela empresa LAC Produções e Eventos.
- Avaliar a eficácia dos protocolos de acessibilidade como facilitador da inclusão de pessoas com deficiência em eventos.
- Sugerir a aplicação dos protocolos de acessibilidades existentes como parte integrante do planejamento, da organização e da execução de eventos realizados pela empresa LAC Produções e Eventos.

5. DIAGNOSE

A problemática lançada nesse trabalho tem como origem observações de situações empíricas, que provocaram questionamentos sobre o tema, gerando indagações acerca dos processos e desafios da inclusão das pessoas com deficiência em eventos sociais ou corporativos.

Em relação a LAC, em diagnóstico prévio realizado através da análise do seu *portfólio on line*, conforme Lac (2017a), e da sua página no *facebook*, conforme Lac (2017b), a problemática se mostra bastante acentuada, uma vez que em nenhuma oportunidade viu-se a presença de pessoas com deficiência entre seus clientes. Quanto aos convidados, participantes dos eventos, percebeu-se, através de contato prévio com o administrador da LAC, Sr. Luan Aurélio, que a sua empresa nunca trabalhou para atender, nos eventos que organiza, pessoas com deficiência, sugerindo alguns apontamentos/dúvidas: ou essas pessoas não tiveram acesso a esses eventos, ou, por desconhecimento de causa, não foram consideradas no processo de realização dos mesmos, ou ainda, a empresa não está preparada para oferecer esse atendimento diferenciado à pessoas com deficiência, portanto não se atenta para esse público.

Ressalta-se aqui que a LAC não está sozinha no quesito falta de informação ou preparo para atendimento e inclusão de pessoas com deficiência em eventos sociais ou corporativos. Uma rápida e pré-análise no material publicitário de empresas que atuam no mesmo seguimento de mercado que a LAC, corroboram essa afirmação. Absolutamente nada é mencionado ou direcionado para a inclusão de pessoas com deficiência. Nem mesmo a literatura sobre eventos, pesquisada durante a elaboração desse projeto, sinalizou sobre a existência desse público. Dessa forma, depois dessa constatação, questionamentos sobre a acolhida e como é participação de pessoas com deficiência em eventos tornaram-se o fio condutor desse presente Projeto Multidisciplinar.

6. PROGNOSE

Em face aos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE (IBGE, 2017), supracitados, e à pré-análise dos eventos

organizados pela LAC, a resposta da questão proposta como norteadora desse projeto, busca contribuir para aprofundar o conhecimento da realidade de pessoas com deficiência frente a sua inserção em eventos e promover as práticas inclusivas desse público em eventos sociais ou corporativos organizados pela LAC, visto tratar-se de pessoas ativas, muitas vezes independentes economicamente, e com direitos garantidos por leis, supracitadas, que as reconhece com cidadãos capazes e sociáveis, fatores que por si só justificam a implantação do projeto.

É importante ressaltar ainda, que esse projeto dá oportunidade de expandir a acessibilidade de pessoas com deficiência em eventos da LAC, através do acolhimento correto e efetivo, e, em atentando para esse detalhe, a empresa pode oferecer serviços específicos para atendimento desse público, incluindo-os na sociedade, o que agregará valores e a diferenciará positivamente no mercado de eventos.

7. METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada para o desenvolvimento do presente projeto será a identificação das necessidades das pessoas com deficiência para que elas sejam efetivamente incluídas nos eventos sociais ou corporativos. Essa identificação dar-se-á pelo levantamento de dados através da abordagem de observação em eventos em geral e, também, em eventos organizados pela LAC, o que possibilitará analisar o ambiente em sua forma original, identificando falhas e possibilidades de melhorias. Também será realizada pesquisa através de questionários e/ou entrevistas com pessoas com deficiência.

Outro método a ser adotado é a revisão da literatura relacionada ao tema abordado nesse projeto, bem como levantamento dos protocolos de acessibilidade existentes e avaliação de sua eficácia como facilitador de acesso de pessoas com deficiência em eventos sociais ou corporativos.

Após análise dos dados coletados, se for necessário, será sugerido a aplicação dos protocolos de acessibilidades existentes como parte integrante do planejamento, da organização e da execução de eventos realizados pela empresa LAC.

8. CRONOGRAMA

CRONOGRAMA DE PLANEJAMENTO	
MÊS	ATIVIDADE
Março /2017	Debate inicial e Pesquisa para definição do tema do projeto.
Abril e maio/2017	Definição do tema do projeto. Elaboração do Pré-projeto e escolha da Instituição que irá recebê-lo.
Maio a junho/2017	Orientação para Elaboração do Projeto.
22/Junho/2017	Apresentação do Projeto para Avaliação e Aprovação.
Julho a outubro/2017	Levantamento de dados, pesquisa de referencial teórico, abordagem investigativa e diagnóstica. Implantação do projeto.
Novembro/2017	Avaliação da implantação do projeto e elaboração do relatório final.
Dezembro/2017	Apresentação do trabalho para Banca Avaliadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Federal Nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Casa Civil Da Presidência Da República**. Brasília, 25 de agosto de 2009. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm>. Acesso 21 mai. 2017a.

BRASIL. Lei Federal Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Casa Civil Da Presidência Da República**. Brasília, 6 de julho de 2015. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso 21 mai. 2017b.

BRASIL. Ministério da Fazenda (2017) - **Consulta CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica** - Emitido no dia 04/06/2017 às 00:04:31 (data e hora de Brasília). Disponível em <www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/Cnpjreva_Comprovante.asp>. Acesso em 04 jun. 2017.

GLAT, R. et al. **Inclusão de Pessoas com Deficiência e outras Necessidades Especiais na Escola e no Trabalho**. Disponível em <http://www.sjp.pr.gov.br/wp-content/uploads/2013/04/CIEE_texto_GLAT_et_all_versao_final_agosto_2011.pdf>. Acesso em 06 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **CARTILHA DO CENSO 2010, Pessoas com Deficiência**. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília: SDH-PR/SNPD. 2012. 32p. Disponível em <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em 08 jun. 2017.

LAC PRODUÇÕES E EVENTOS. Disponível em <<https://www.laceventos.com.br/>>. Acesso em 15 abr. 2017a.

LAC PRODUÇÕES E EVENTOS. **Fotos**. Disponível em <<https://www.facebook.com/laceventos/>>. Acesso em 15 abr. 2017b.

NEIVA, E. G.; D'ELIA, M. E. S. **As novas competências do profissional de Secretariado**. 2 ed. São Paulo: IOB, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS – Committee On The Rights Of Persons With Disabilities. **Convention on the Rights of Persons with Disabilities**. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Nova York: ONU, 13/12/06. Disponível em <<http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/CRPD/Pages/ConventionRightsPersonsWithDisabilities.aspx>>. Acesso em 21 mai. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS – Committee On The Rights Of Persons With Disabilities. **Map of Ratification of the Convention on the Rights of Persons with Disabilities**. Nova York: ONU, 2017. Disponível em <<http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/CRPD/Pages/CRPDIndex.aspx>>. Acesso em 21 mai. 2017.

PORTAL BRASIL. Economia e Emprego - **Cresce número de pessoas com deficiência no mercado de trabalho formal**. Publicado em 27/09/2016. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/09/cresce-numero-de-pessoas-com-deficiencia-no-mercado-de-trabalho-formal>>. Acesso 21 mai. 2017.

PORTAL CASAMENTOS.COM.BR: Wedding Planner, S.L.U. **Informação sobre LAC Produções e Eventos**. Disponível em <<https://www.casamentos.com.br/cerimonialista/lac-producoes-e-eventos-e182082>>. Acesso em 15 abr. 2017.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação** (Reação), São Paulo, Ano XII, mar. /abr. 2009, p. 1. Disponível em <https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319>. Acesso em 05 jun.2017.

ZANELLA, Luiz Carlos. **Manual de organização de eventos**. São Paulo: editora Atlas S.A., 4ª edição, 2008.

CARTA DE ACEITE

**CARTA ACEITE DE IMPLANTAÇÃO DE PROJETO**

Declaramos, para os devidos fins, que concordamos em disponibilizar os setores responsáveis pela organização e realização de eventos desta Instituição, para a execução de atividades referentes ao Projeto Multidisciplinar, intitulado: **INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS EM EVENTOS SOCIAIS OU CORPORATIVOS ORGANIZADOS PELA EMPRESA LAC PRODUÇÕES E EVENTOS**, que será desenvolvido pelas alunas Fernanda Miguel de Aquino, Kátia Regina da Silva Camisa e Maria Antonia Baggio Coppi, sob a orientação do Professor Dr. Paulo Eduardo Sobreira Moraes, do Curso de Tecnologia em Secretariado, da Universidade Federal do Paraná, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Curitiba, 05 de maio de 2017.

LAC Produções e Eventos
CNPJ 24.945.005/0001-55
Luan Aurélio Catarina
CPF: 075.808.379-35

Endereço Completo:
Rua Agudos Do Sul, 928 - Afonso Pena - São José Dos Pinhais/PR

Contato:
(41) 99203-6777
E-mail: contato@laceventos.com
Site: www.laceventos.com.br
Facebook/[laceventos](https://www.facebook.com/laceventos)
Instagram [@laceventos](https://www.instagram.com/laceventos)

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
Curso Superior de Tecnologia em Secretariado

CARTA DE APRESENTAÇÃO DE PROJETO MULTIDISCIPLINAR

Curitiba, 05 de junho de 2017.

Ao Sr. Luan Aurélio Catarina
Proprietário da LAC Produções e Eventos
Rua Agudos Do Sul, 928 - Afonso Pena - São José Dos Pinhais/PR

Assunto: Apresentação de Projeto Multidisciplinar e Solicitação de Autorização para Implantá-lo.

Prezado Senhor,

Conforme entendimento prévio, apresentamos o Projeto "**Inclusão de Pessoas com Deficiências em Eventos Sociais ou Corporativos Organizados pela Empresa LAC Produções e Eventos**", que tem por objetivo compreender os procedimentos de inclusão de pessoas com deficiências em eventos sociais ou corporativos, através da análise de como se dá a inserção desse público em eventos organizados pela LAC Produções e Eventos. Espera-se ainda contribuir com propostas para melhor acolhimento das pessoas com deficiências.

As informações a serem oferecidas para esse trabalho não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato de tais informações, quando necessário.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
Curso Superior de Tecnologia em Secretariado

Salientamos que esse Projeto Multidisciplinar está sob a orientação do Professor Dr. Paulo Eduardo Sobreira Moraes, dentro da disciplina de Metodologia de Pesquisa, do Curso de Tecnologia em Secretariado da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Para tanto, respeitosa e solicitamos a V. S.^a, conforme modelo sugerido em anexo (Carta de Aceite), emissão de autorização de acesso aos setores responsáveis pela organização e realização de eventos da sua Instituição, para o desenvolvimento de atividades referentes a este Projeto Multidisciplinar.

Cordialmente,

Fernanda Miguel de Aquino
CPF: 063.223.499-70

Kátia Regina da Silva Camisa
CPF: 164.395.558-63

Maria Antonia Baggio Coppi
CPF: 074.037.098-70

Orientação: Prof. Dr. Paulo Eduardo Sobreira Moraes

ANEXOS

Anexo 1 - Exemplos de Símbolos dos Recursos de Acessibilidade



Fonte: Portal UFMG



Fonte: Blog da Audiodescrição

Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - UFPR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM SECRETARIADO – PESQUISA DE CONCLUSÃO DE CURSO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, de nacionalidade _____, estado civil _____ RG nº: _____, profissão: _____, trabalhador na área de _____ estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa científica de trabalho de conclusão de curso denominada **INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM EVENTOS SOCIAIS, CORPORATIVOS: ESTUDO DE CASOS NA PRÁXIS ACADÊMICA**, coordenada pelas alunas graduandas Fernanda Miguel de Aquino, RG 10108282-2 ; Kátia Regina da Silva Camisa, RG 24.829.847-1, RG e Maria Antonia Baggio Coppi, RG 16.712.938-7, do Curso Superior de Tecnologia em Secretariado/UFPR, sob orientação da Prof.^a Eliana Maria Ieger. A pesquisa tem por objetivo compreender a participação e o acolhimento de pessoas com deficiência, especialmente os deficientes visuais, em eventos. Os dados e informações por mim fornecidos, mediante questionário e/ou entrevista, serão utilizados na pesquisa mencionada que resultará em um Relatório de Implantação de Projeto para a Conclusão de Curso (TCC), podendo contribuir para os objetivos da pesquisa acima mencionados. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, contudo autorizo a divulgação do meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa me identificar, desde que utilizados com critérios e responsabilidade. Estou certo de que poderei interromper o questionário/entrevista a qualquer momento, solicitar a retirada de trechos da mesma ou me recusar a prestá-la. Foi-me assegurada toda assistência e informação necessária, evitando a exposição desnecessária pessoal, social ou profissional. Sei que me é garantido livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e suas consequências e a tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Enfim, tendo sido orientado quanto ao conteúdo deste termo, que foi lido e compreendido, assim como a natureza e o objetivo do estudo, manifesto meu livre consentimento em participar da pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação, conforme Resolução CNS nº 196/96.

Curitiba, ____ de _____ 20____.

Pesquisado:

Nome: _____ Assinatura: _____

Pesquisadoras:

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____